

A
METAMORFÓSE
KAFKA



Um romance

de

FRANZ KAFKA

Ilustrações

por

LOURENÇO MUTARELLI

Tradução

de

PETÊ RISSATTI

Coordenação editorial

DÉBORA DUTRA

Preparação

LUIZ BOZZO

Revisão

**THAIS RIMKUS
ROBERTO JANNARELLI
HEBE ESTER LUCAS**

Projeto gráfico

GIOVANNA CIANELLI

Capa

PEDRO INOUE

Textos de

**OTÁVIO ALBUQUERQUE
LOURENÇO MUTARELLI
PETÊ RISSATTI
FLÁVIO RICARDO VASSOLER**

Uma edição vinda dos sonhos intranquilos de

**DANIEL LAMEIRA
LUCIANA FRACCHETTA
RAFAEL DRUMMOND
&
SERGIO DRUMMOND**

A
META
MOR
FOSE

KAFKA

ANTOFÁGICA

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

I

inseto monstruoso.

II

III

A METAMORFOSE

ÀS VOLTAS COM FRANZ

NO INÍCIO, UMA IMPOSSIBILIDADE

AS METAMORFOSES DE FRANZ KAFKA

VIDAS DE BORDA. BORDAS DA VIDA.

APRESENTAÇÃO

Conhecer algo novo nem sempre é simples. Mais difícil ainda é se propor a conhecer algo que nossa cabeça, de alguma forma, nos diz que a gente já conhece. Talvez você abra este livro com essa sensação. Uma sensação esquisita de encontrar um velho amigo a quem nunca foi apresentado.

Foi assim que me senti ao ler as páginas iniciais desta história pela primeira vez, quase vinte anos atrás, abrindo minha mente para algo que, por certa onipresença no imaginário popular, parecia-me mais ou menos familiar, mas que em poucas linhas se revelou bem mais complexo, profundo e diferente do que eu imaginava.

Mas, para minha surpresa, o que realmente me marcou foi perceber que revivi essa mesma sensação ao reler o livro anos depois. E repetir esse processo diversas vezes desde então. Bons livros contam histórias que transformam a nossa vida. Ótimos livros são aqueles que contam histórias que também se transformam ao longo da transformação da nossa própria vida.

Lançado originalmente em 1915, sendo um dos poucos textos de Kafka publicados em vida, este livro pode ser entendido de inúmeras maneiras diferentes: há quem veja no texto metáforas para a depressão, rejeição, doença, velhice, morte ou até metamorfoses internas. Para outros seria uma narrativa fantástica sobre um tal sujeito que certo dia acordou e se viu transformado num inseto monstruoso.

A *Metamorfose* é um livro mágico justamente por ser tudo isso ao mesmo tempo. Mágico a ponto de nos oferecer uma experiência nova mesmo depois de várias leituras. O trabalho realizado pela Antofágica ajuda muito nesse processo, é claro. Fiquei feliz ao ver um dos livros mais marcantes de minha vida ganhar uma nova

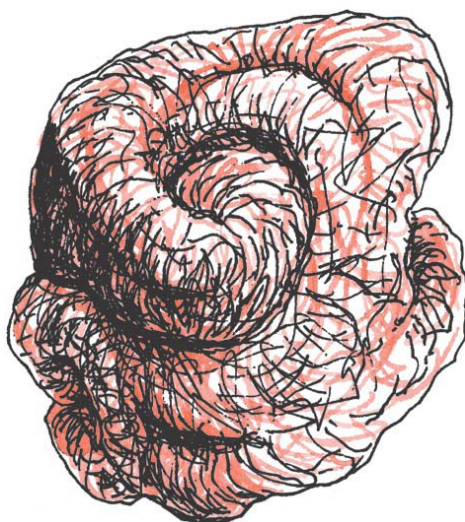
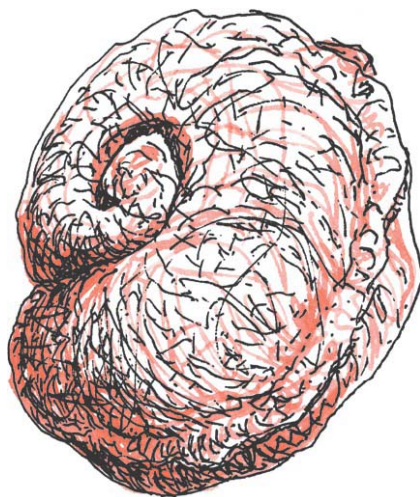
edição tão linda, com quase cem belíssimas ilustrações do incrível Lourenço Mutarelli, uma capa inovadora do Pedro Inoue e esmerado projeto gráfico da Giovanna Cianelli.

Obviamente, os cuidados não foram apenas estéticos. Esta edição conta com tradução feita diretamente do alemão pelo Petê Rissatti, que deu uma fluidez e fidelidade ao texto bem diferentes de todas as outras versões que já tive a oportunidade de ler. Tanto ele quanto o Mutarelli comentam ao fim do livro como foram esses processos, seguidos de um ensaio do professor Flávio Vassoler.

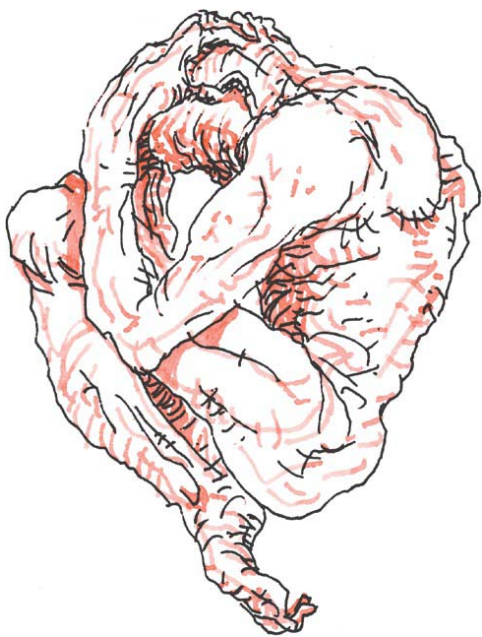
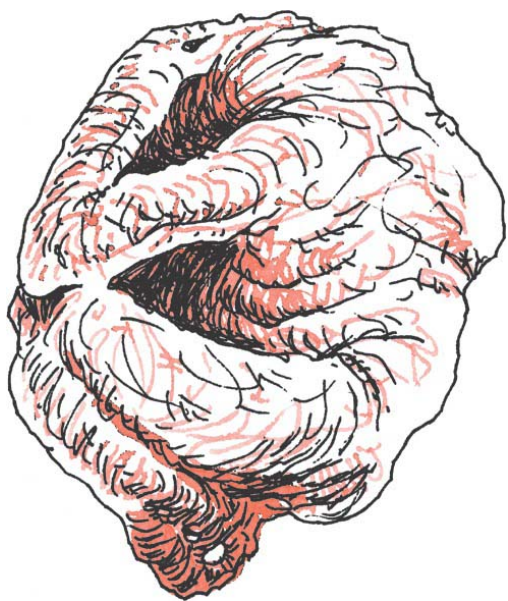
Que sua leitura seja boa, leitor, seus sonhos, tranquilos, e que sua mente esteja sempre aberta às transformações e retransformações que virão, pois a única constante na vida, feliz ou infelizmente, é a mudança.

OTÁVIO ALBUQUERQUE é cientista social, tradutor e produtor de conteúdo em seu canal no YouTube, *Coisas Que Nunca Vivi (ou evitava viver)*.

I

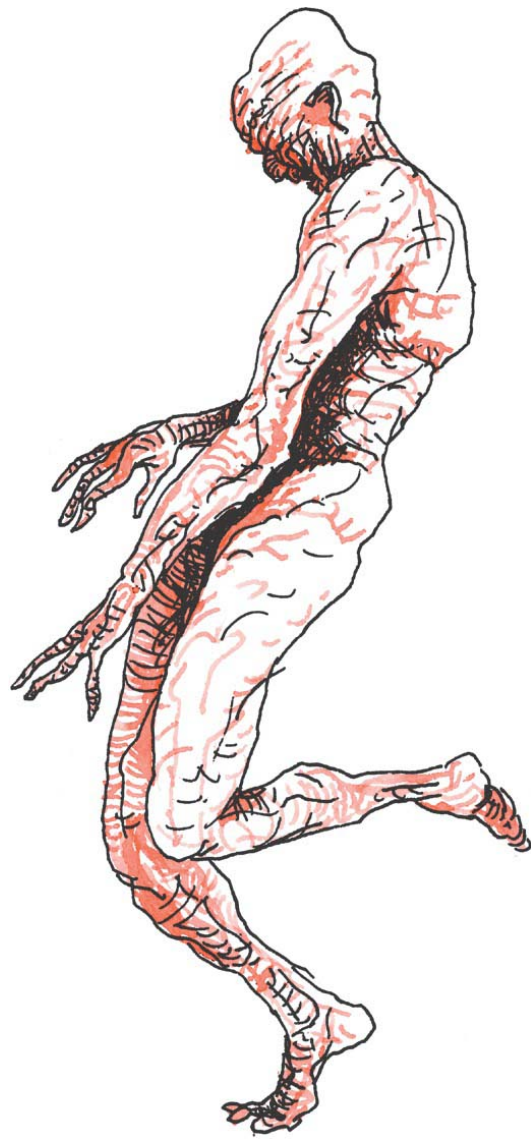




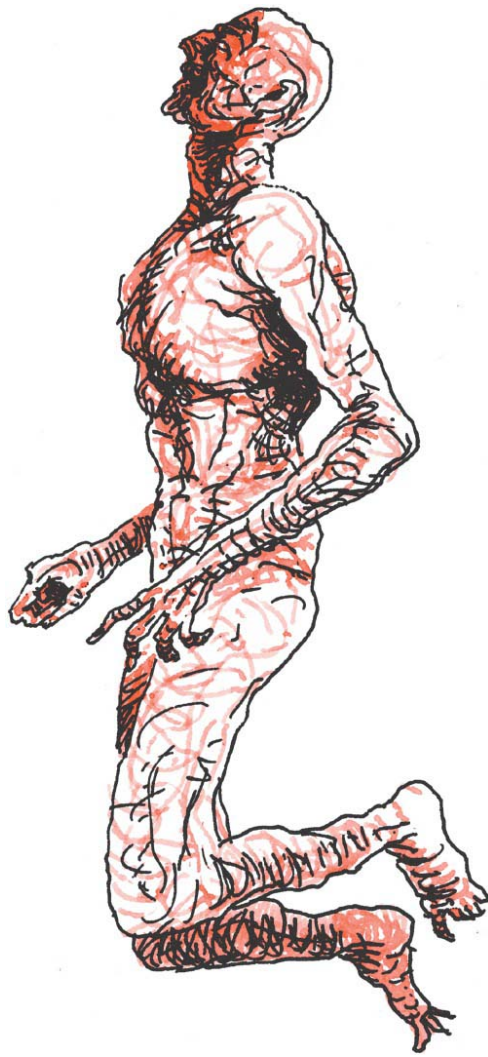


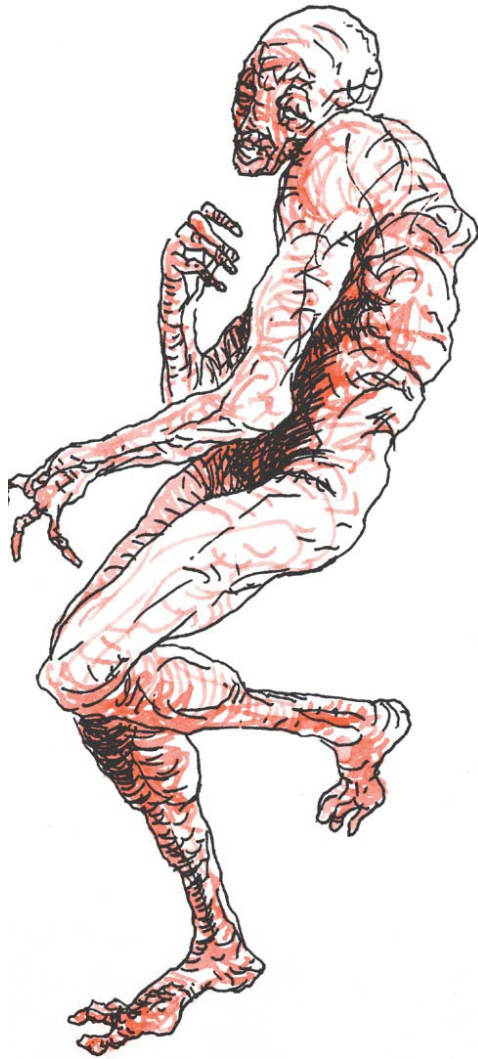


















Quando Gregor Samsa,



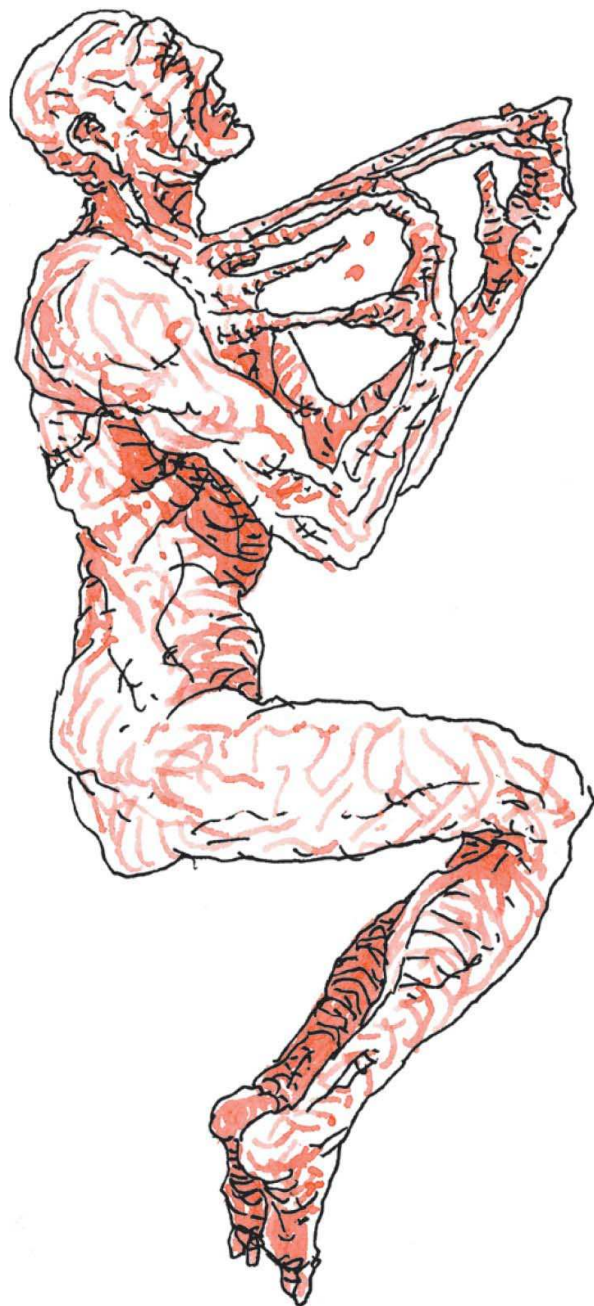
certa manhã, despertou



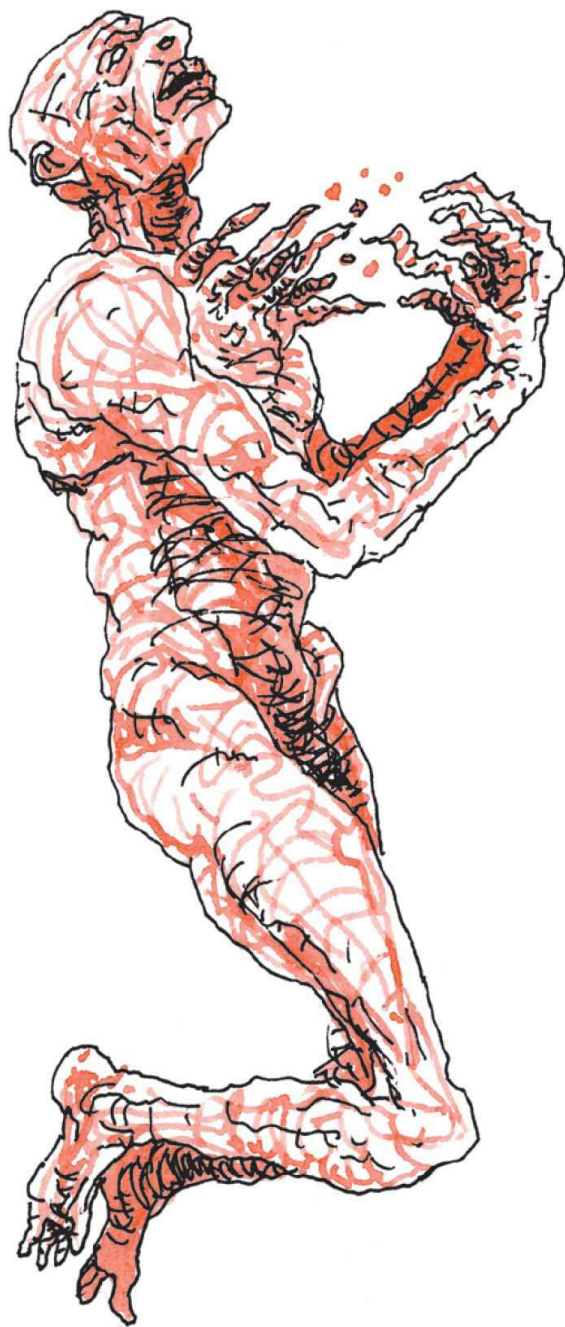
de sonhos intranquilos



encontrou-se em sua cama



metamorfoseado em um



inseto monstruoso.

Estava deitado sobre as costas duras como couraça e viu, quando ergueu um pouco a cabeça, a barriga abaulada, marrom, dividida em segmentos arqueados, sobre a qual o lençol, pronto para deslizar por completo, já mal se segurava. Suas muitas pernas finas, deploráveis em comparação com as dimensões de seu corpo, sacudiam-se desajeitadas diante de seus olhos.

“O que houve comigo?”, pensou. Não era um sonho. Seu quarto, um autêntico quarto de ser humano, apenas pequeno demais, permanecia tranquilo entre as quatro paredes bem familiares. Acima da mesa, na qual estava espalhado um mostruário de tecidos desembalado — Samsa era caixeiro-viajante —, estava pendurada a imagem que ele recortara havia pouco de uma revista ilustrada e colocara em uma bonita moldura dourada. A foto reproduzia uma dama que, de chapéu de pele e boá de pele, estava ali sentada, com o corpo ereto, e estendia ao observador um pesado regalo também de pele, no qual seu antebraço inteiro desaparecia.

O olhar de Gregor voltou-se então para a janela, e o tempo encoberto — era possível ouvir as gotas da chuva batendo no vidro — o deixou muito melancólico. “O que aconteceria”, pensou, “se eu dormisse um pouco mais e esquecesse todas essas idiotices?”. Isso, porém, era totalmente impraticável, pois estava acostumado a

dormir virado para o lado direito e não era possível ficar em tal posição naquele estado. Por mais força que fizesse para se jogar para o lado direito, sempre voltava a se balançar sobre as costas. Tentou umas cem vezes, cerrando os olhos para não ver as pernas que se moviam nervosamente, e desistiu apenas quando começou a sentir no flanco uma dor leve, difusa, nunca antes sentida.

“Ah, Deus”, pensou, “que trabalho penoso fui escolher! Dia após dia viajando. As agitações comerciais são bem maiores do que na própria sede da empresa e, além disso, ainda me impõem essa vexação que é viajar, as preocupações com baldeações, as refeições irregulares, ruins, um convívio humano que sempre muda, nunca perdura nem se torna afetoso. Que o diabo carregue tudo isso!”. Ele sentiu uma leve coceira na barriga; arrastou-se de costas devagar até um dos balaústres da cama para erguer melhor a cabeça; vislumbrou o ponto da coceira, que estava coberto por um punhado de pontinhos brancos, mas não foi capaz de avaliá-los; e quis tocar o local com uma das pernas, mas recuou de imediato, pois o toque lhe provocou calafrios.



Ele deslizou para a posição anterior. “Acordar assim tão cedo”, pensou ele, “deixa o sujeito estúpido. A pessoa precisa de seu sono. Outros caixeiros-viajantes vivem como mulheres de harém. Quando eu, por exemplo, no decorrer da manhã, volto à hospedaria para transcrever os pedidos obtidos, esses senhores estão sentados tomando café da manhã. Tentasse eu fazer tal coisa com meu chefe, seria jogado no olho da rua na mesma hora. Quem sabe, aliás, não seria melhor para mim. Se eu não me contivesse por causa de meus pais, já teria me demitido havia muito, iria até o chefe e lhe diria o que penso do fundo do coração. Ele despencaria da mesa! Também é estranho o jeito como se senta sobre a mesa e fala de cima para baixo com o empregado, que precisa se aproximar bastante por causa da audição sofrível do chefe. Ora, a esperança ainda não se perdeu totalmente: assim que eu juntar dinheiro para lhe pagar a dívida de meus pais — o que ainda deve levar mais cinco ou seis anos —, farei isso mesmo. Então, cortarei todos os

laços. Por ora, no entanto, preciso me levantar, pois meu trem parte às cinco.”

E ele olhou para o despertador que tiquetaqueava sobre o armário. “Pai celestial!”, pensou. Eram seis e trinta, e os ponteiros avançavam suavemente, já até passavam de trinta, agora faltava quase quinze para as sete. O despertador não devia ter tocado? Da cama era possível ver que o alarme estava ajustado de forma correta para as quatro horas; decerto havia tocado. Sim, mas era possível continuar dormindo tranquilamente com esse toque de despertador que sacudia os móveis? Bem, tranquilamente ele não havia dormido, mas talvez por isso o sono tivesse sido mais profundo. O que faria, então? O próximo trem partiria às sete horas; para pegá-lo, precisaria se apressar como louco, e o mostruário ainda não estava dentro da mala, e ele mesmo não se sentia totalmente descansado e ágil. E, ainda que pegasse o trem, não conseguiria evitar uma reprimenda violenta do chefe, pois o atendente da loja havia esperado pelo trem das cinco e já devia ter informado sua ausência. Era um serviçal do chefe, sem tutano nem perspicácia. O que aconteceria se ele alegasse que estava doente? Seria deveras embaraçoso e suspeito, pois Gregor nunca tinha estado doente durante seus cinco anos de serviço. Com certeza o chefe iria até lá com o médico do seguro-saúde, faria acusações aos pais por causa do filho indolente e contestaria todas as objeções aconselhado pelo próprio médico, para quem há apenas seres humanos totalmente saudáveis, mas avessos ao trabalho. Além do mais, nesse caso, estaria ele equivocado? Gregor, de fato, à exceção de uma sonolência supérflua depois de uma longa noite de sono, sentia-se bem e tinha até mesmo uma fome particularmente forte.



Enquanto pensava em tudo isso com a maior pressa, sem conseguir decidir se sairia ou não da cama — exatamente quando o despertador indicava quinze para as sete —, veio uma batida cuidadosa à porta, que ficava próxima à cabeceira de sua cama.

— Gregor — chamaram; era a mãe. — São quinze para as sete. Não quis partir?

Que voz suave! Gregor assustou-se quando ouviu sua voz respondendo, pois definitivamente reconheceu como a que tinha anteriormente, mas a ela se mesclava, como se vindo de baixo, um piar irreprimível, dolorido, que apenas no primeiro momento mantinha a clareza explícita da palavra para, depois de emitida, destruí-la de tal forma que não dava para saber se haviam ouvido direito. Gregor queria responder em detalhe e explicar tudo, porém, considerando as circunstâncias, limitou-se a dizer:



— Sim, sim, obrigado, mãe, já vou me levantar.

Por causa da porta de madeira, certamente a mudança na voz de Gregor não foi percebida lá de fora, pois a mãe se tranquilizou com essa declaração e se afastou, arrastando as chinelas. Porém, a breve conversa deixou os outros membros da família atentos, pois, contrariando as expectativas, Gregor ainda estava em casa, e logo o pai deu batidas fracas, mas de punho fechado, em uma porta lateral.

— Gregor, Gregor — chamou ele —, o que houve? — E, depois de um breve momento, advertiu com voz mais grave: — Gregor! Gregor!



Na outra porta lateral, no entanto, a irmã choramingou baixinho:

— Gregor? Você não está bem? Precisa de alguma coisa?

Para os dois lados, Gregor respondeu:

— Já estou pronto. — E se esforçou, com a mais cuidadosa das pronúncias e a inserção de longas pausas entre as palavras para tirar de sua voz tudo o que chamasse atenção.

O pai voltou a seu café da manhã, mas a irmã sussurrou:

— Gregor, abra, eu imploro.

Contudo, Gregor nem sequer pensou em abrir, mas sim louvou o cuidado adquirido durante as viagens de também manter trancadas as portas de casa durante a noite.

Em primeiro lugar, ele queria se levantar com tranquilidade e sem perturbações, vestir-se, acima de tudo tomar café da manhã e,

apenas então, pensar no restante, pois, na cama, como já percebera, não chegaria a nenhuma resolução razoável com suas reflexões. Lembrou que, com frequência, sentia na cama uma leve dor, talvez causada por alguma posição desajeitada ao se deitar, mas que, ao se levantar, a sensação mostrava-se puramente imaginária, e ele estava inquieto querendo saber como as visões de hoje aos poucos se dissipariam. Quase não lhe restavam dúvidas de que a mudança na voz não passava do prenúncio de um resfriado potente, uma doença ocupacional dos caixeiros-viajantes.

Afastar o cobertor foi muito fácil; precisou apenas se inflar um pouco, e a peça caiu sozinha. Mas o restante foi difícil, em especial porque ele era tremendamente largo. Precisaria dos braços e das mãos para se levantar; em vez disso, no entanto, tinha apenas as muitas perninhas, que incessantemente faziam movimentos dos mais diversos e que ele não conseguia controlar. Se quisesse dobrar uma delas, essa era a primeira que se estendia; e quando finalmente conseguia fazer com a perna o que queria, todas as outras, nesse meio-tempo, trabalhavam, como se libertadas, na maior e mais dolorosa agitação.

— Não fique aí na cama sem fazer nada — disse Gregor a si mesmo.

Primeiro ele quis sair da cama com a parte inferior do corpo, mas essa parte inferior, que ele ainda não tinha visto e da qual também não podia ter uma noção clara, mostrou-se difícil demais de se mover; avançava tão devagar. E quando, por fim, quase desesperado, reunindo forças, ele se precipitou adiante, escolheu a direção errada, batendo duramente em um dos balaústres, e a dor lancinante que sentiu lhe ensinou que exatamente a parte inferior de seu corpo, naquele momento, talvez fosse a mais sensível.

Então tentou tirar da cama primeiro a parte superior do corpo e virou com cuidado a cabeça até a beirada. Conseguiu fazer isso com facilidade e, apesar de sua largura e seu peso, a massa corporal finalmente seguiu o virar de sua cabeça com vagar. Mas, quando estava enfim com a cabeça pendendo no ar e para fora da cama, teve medo de se esgueirar para a frente dessa forma, pois, se no fim conseguisse cair, precisaria mesmo de um milagre para

não ferir a cabeça. E justamente nesse momento não poderia de jeito nenhum perder a consciência; preferiu permanecer na cama.

Porém, depois de esforço semelhante, quando voltou a ficar deitado na mesma posição de antes, ofegante, e de novo viu suas perninhas lutarem umas contra as outras da forma mais furibunda possível, e não encontrando possibilidade de acalmar nem ordenar aquela inconstância, disse de novo a si mesmo que era impossível permanecer na cama e que seria mais razoável sacrificar tudo, mesmo que existisse apenas a mais ínfima esperança de assim se livrar dela. Ao mesmo tempo, no entanto, não esqueceu de se lembrar, nesse ínterim, que reflexões calmas, inclusive as mais calmas, seriam melhores que decisões desesperadas. Nesses momentos, ele voltava os olhos com a maior intensidade possível para a janela, mas, infelizmente, pouca confiança e pouco entusiasmo vinham da visão da névoa matutina, que encobria até o outro lado da estreita rua.



— Já são sete horas — disse ele, assim que o despertador soou novamente —, já são sete horas e ainda há uma névoa dessas.

E por um pequeno instante ele permaneceu calmo, com a respiração fraca, como se talvez esperasse do completo silêncio o retorno das condições reais e naturais.

Mas, em seguida, disse a si mesmo:

— Antes de bater sete e quinze, preciso ter saído totalmente da cama. No mais, até lá alguém do trabalho terá vindo aqui perguntar por mim, pois a empresa abre antes das sete.

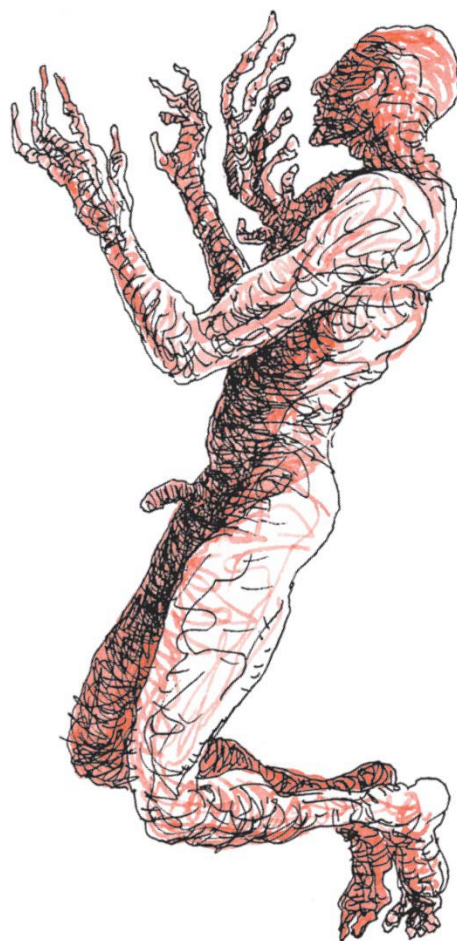
Então se pôs a balançar o corpo todo para fora da cama por completo, sem deixar escapar nada. Se conseguisse cair da cama dessa forma, a cabeça, que ele pretendia erguer com força durante a queda, permaneceria possivelmente intacta. As costas pareciam ser duras, nada aconteceria com elas na queda sobre o tapete. Sua maior preocupação era a atenção que chamaria com o alto

estrondo, e provavelmente causaria, senão susto, certamente aflição por trás de todas as portas. No entanto, era preciso arriscar.

Quando Gregor já havia projetado metade do corpo para fora da cama — o novo método era mais uma brincadeira que um esforço, pois precisava apenas balançar o corpo de forma ritmada —, ocorreu-lhe como tudo seria fácil se alguém o viesse socorrer. Duas pessoas fortes — ele pensou em seu pai e na empregada — teriam sido mais do que suficiente; teriam apenas que encaixar os braços embaixo das costas abauladas, despregando-o da cama, e se inclinar para abaixar o peso, e depois precisariam apenas esperar, com paciência e cuidado, para que ele concluísse a virada sobre o assoalho, onde então as perninhas encontrariam sentido — ao menos era o que ele esperava. Bem, desconsiderando que as portas estavam trancadas, ele deveria mesmo pedir ajuda? Apesar de toda a agrura, não conseguiu conter um sorriso com esse pensamento.

Já havia chegado ao ponto em que, com um balançar mais forte, mal seria capaz de manter o equilíbrio e logo precisaria se decidir de uma vez por todas, pois em cinco minutos seriam sete e quinze da manhã — quando a campainha da casa soou.

— É alguém da empresa — disse ele, quase estático enquanto suas perninhas dançavam com mais intensidade ainda.



Por um instante, tudo ficou em silêncio. Não vão abrir, disse Gregor a si mesmo, atendo-se a alguma esperança insana. Mas então, claro, como de praxe, a empregada foi com passos firmes até a porta e a abriu. Gregor precisou apenas ouvir a saudação do visitante para saber de quem se tratava: era o próprio gerente. Por que logo Gregor estava condenado a prestar serviços a uma empresa em que até na menor das omissões logo se levantava a maior suspeita? Se todos os funcionários, sem exceção, eram patifes, será que não havia entre eles nenhuma pessoa fiel e dedicada, que, embora não tivesse empenhado à empresa algumas horas da manhã, tivesse ficado louca de remorso e praticamente sem condições de sair da cama? Não era mais do que suficiente enviar um aprendiz para questionar, se é que precisavam desse interrogatório? Tinha o gerente de vir pessoalmente e, com isso, demonstrar a toda uma família inocente que a investigação desse

caso suspeito podia ser confiada apenas à descrição do gerente? E, mais devido à agitação em que Gregor fora lançado por essas reflexões do que como consequência de uma decisão concreta, ele se jogou com toda a força da cama. Houve um baque alto, mas não verdadeiramente um estrépito. A queda foi um tanto amortecida pelo tapete, e as costas também eram mais flexíveis do que Gregor havia imaginado, por isso o ruído abafado não chamou tanta atenção. Ele apenas não teve cuidado suficiente com a cabeça e bateu com ela; ele a virou e a esfregou, de raiva e dor, no tapete.

— Caiu alguma coisa lá dentro — disse o gerente no cômodo contíguo à esquerda.

Gregor buscou imaginar se algo semelhante ao que ocorreu com ele não poderia ter se passado também com o gerente; era preciso mesmo aventar essa possibilidade. Mas, como resposta grosseira a essa pergunta, o gerente deu alguns passos determinados no cômodo contíguo e fez suas botas envernizadas rangerem. Do quarto adjacente à direita, a irmã sussurrou para informar a Gregor:

— Gregor, o gerente está aqui.

— Eu sei — disse Gregor, sem ousar altear a voz a ponto de a irmã poder ouvir.

— Gregor — disse então o pai, do cômodo contíguo à esquerda —, o senhor gerente veio até aqui e deseja saber por que você não pegou o trem hoje cedo. Não sabemos o que devemos dizer. A propósito, ele quer falar pessoalmente com você. Então, faça o favor de abrir a porta. Ele terá a bondade de perdoar a bagunça do quarto.



— Bom dia, senhor Samsa — gritou o gerente nesse meio-tempo, em tom amigável.

— Ele não está bem — disse a mãe ao gerente, enquanto o pai ainda falava pela porta —, ele não está bem, acredite em mim, senhor gerente. De que outra forma Gregor perderia um trem, não fosse por isso? O rapaz não tem nada mais na cabeça além da empresa. Chego a quase me irritar por ele nunca sair à noite; agora mesmo esteve oito dias na cidade, mas ficou em casa todas as noites. Fica sentado conosco à mesa e lê em silêncio o jornal ou estuda as tabelas de horário de viagem. Ele se distrai fazendo trabalhos com a serra de arco. Por exemplo, durante duas ou três noites, ele recortou uma pequena moldura; o senhor vai se surpreender com a beleza dela. Ele a pendurou no quarto, o senhor já vai ver, quando Gregor abrir. Aliás, fico feliz que o senhor esteja aqui, senhor gerente, pois não conseguimos sozinhos fazer com que Gregor abrisse a porta; ele é tão teimoso; e certamente não está bem, apesar de ter dito de manhãzinha que estava.

— Eu já vou — disse Gregor, devagar e com cautela, sem se mover para não perder nenhuma palavra da conversa.

— Minha cara senhora, para mim não é possível explicar isso de outra forma — disse o gerente —, e espero que não seja nada sério. Mesmo que, por outro lado, eu precise dizer que nós, gente do comércio, feliz ou infelizmente, como queira, com frequência precisamos superar um leve mal-estar em consideração às demandas comerciais.

— Então, o senhor gerente pode entrar? — perguntou o pai, impaciente, e bateu na porta do quarto de novo.

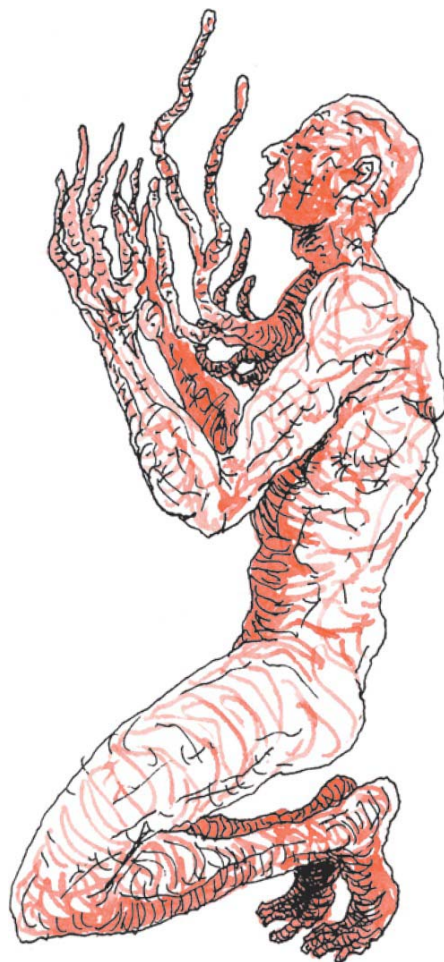
— Não — respondeu Gregor.

No cômodo contíguo à esquerda sobreveio um silêncio aflito; no quarto à direita, a irmã começou a chorar aos soluços.

Por que a irmã não se juntava aos outros? Certamente havia acabado de se levantar da cama e ainda não começara a se vestir. Por que chorava, então? Porque ele não se levantava nem deixava o gerente entrar, porque ele estava em perigo de perder seu trabalho e porque, assim, o chefe voltaria a perseguir os pais com as antigas cobranças? Por ora, no entanto, essas eram preocupações desnecessárias. Gregor ainda estava aqui e não pensava de modo algum em abandonar a família. Naquele momento, claro, ele estava deitado no tapete, e ninguém que tivesse conhecimento de seu estado teria exigido a sério que ele deixasse o gerente entrar. No entanto, por essa pequena indelicadeza, para a qual facilmente encontraria uma desculpa adequada mais tarde, Gregor não poderia ser demitido de imediato. E para Gregor parecia ser muito mais razoável que o deixassem em paz no momento em vez de perturbá-lo com choros e tentativas de persuasão. Mas era exatamente a incerteza que afligia os outros que justificava o modo como se comportavam.

— Senhor Samsa — bradou o gerente —, o que está acontecendo? O senhor se entrincheira em seu quarto, responde apenas com sim e não, causa preocupação séria e desnecessária a seus pais e negligencia, apenas para mencionar de passagem, suas obrigações comerciais de forma realmente inaudita. Falo aqui em nome de seus pais e de seu chefe e peço ao senhor, com toda a

seriedade, um esclarecimento imediato e direto. Estou estupefato, estupefato. Considerava o senhor uma pessoa calma, sensata, e agora de repente o senhor parece querer começar a exhibir estranhas manias. O chefe até insinuou, hoje pela manhã, uma possível explicação para sua inadvertência, que se referia ao recebimento de uma cobrança que lhe fora confiada recentemente, mas de minha parte quase empenhei minha palavra de honra de que essa explicação não podia estar correta. Mas agora vejo sua teimosia incompreensível aqui e perco toda e qualquer vontade de interceder o mínimo que for pelo senhor. E sua posição não é, de forma nenhuma, a mais segura. No início, minha intenção era dizer isso tudo ao senhor em particular, mas, como o senhor me faz perder tempo inutilmente aqui, não vejo motivo para que os senhores seus pais não tomem conhecimento. Seu desempenho nos últimos tempos tem sido muito insatisfatório. Certamente não é época de fazer negócios excepcionais, isso nós reconhecemos; mas uma época de não fazer negócio nenhum, senhor Samsa, de forma alguma isso pode existir.



— Senhor gerente — gritou Gregor, fora de si, esquecendo de todo o resto na agitação —, eu já vou abrir, num instante. Um ligeiro mal-estar, um acesso de tontura me impediu de me levantar. Ainda estou deitado. Mas agora já estou revigorado. Já até saí da cama. Só um pouco de paciência! Ainda não estou tão bem quanto pensei. Mas já estou disposto. Como uma coisa dessas pode ocorrer a uma pessoa?! Ontem à noite eu estava bem, meus pais sabem, ou melhor, ontem à noite eu tive um pequeno pressentimento. Eles devem ter notado como eu estava. Por que simplesmente não informei na empresa? Mas acreditamos que é possível superar a doença sem ficar em casa. Senhor gerente! Poupe meus pais! Não há motivo para todas as acusações que o senhor me faz agora; ninguém falou nada para mim sobre isso. Talvez o senhor não tenha lido os últimos pedidos que enviei. Aliás, ainda vou partir em viagem no trem das oito horas, algumas horas de repouso me fortaleceram.

Não se detenha mais, senhor gerente; logo estarei em pessoa na empresa, e o senhor tenha a bondade de dizê-lo ao senhor chefe e mande meus cumprimentos a ele.

E enquanto Gregor proferia tudo isso às pressas e mal sabia o que estava falando, aproximou-se com facilidade do baú, decerto como resultado do exercício já realizado na cama, e tentou então se erguer recostado a ele. Queria de fato abrir a porta, de fato se deixar ver e falar com o gerente; estava ansioso por saber o que os outros, que tanto o chamavam, diriam ao vê-lo. Caso se assustassem, então Gregor já não teria qualquer responsabilidade e poderia tranquilizar-se. Porém, se aceitassem tudo com tranquilidade, então não teria motivo para ficar agoniado e poderia, caso se apressasse, de fato estar na estação de trem às oito. Num primeiro momento, escorregou algumas vezes do baú liso, mas, por fim, deu um último impulso e se pôs em pé ali; mal prestava atenção à dor no baixo-ventre, por mais que ardesse. Então, deixou-se cair contra o espaldar de uma cadeira próxima, em cujas bordas se segurou com as perninhas. Com isso, porém, também recobrou o domínio de si e emudeceu, pois nesse instante pôde escutar o gerente.

— Os senhores entenderam uma única palavra? — perguntou o gerente aos pais. — Ele não está mesmo nos fazendo de bobos?

— Pelo amor de Deus — gritou a mãe às lágrimas —, talvez ele esteja gravemente doente, e nós o estamos atormentando. Grete! Grete! — berrou em seguida.

— Mãe? — chamou a irmã, do outro lado. Elas se comunicavam através do quarto de Gregor.

— Você precisa ir imediatamente ao médico. Gregor está doente. Busque rápido o médico. Você ouviu Gregor falando agora?

— Era uma voz de bicho — disse o gerente, com voz notavelmente baixa se comparada ao grito da mãe.

— Anna! Anna! — chamou o pai, passando da antessala à cozinha e batendo palmas —, vá buscar um serralheiro, agora!

E logo as duas moças passaram com as saias farfalhando — como a irmã se vestira tão rapidamente? — e abriram a porta do apartamento com tudo. Não se ouviu a porta bater; com certeza a

tinham deixado aberta, como se costuma fazer em casas onde aconteceu uma grande desgraça.

Gregor, no entanto, estava muito mais calmo. Quer dizer, não entendiam mais suas palavras, apesar de lhe parecerem claras, mais claras que antes, talvez por seus ouvidos estarem se acostumando. Mas, pelo menos, já acreditavam que não estava tudo em ordem com ele e estavam prontos para ajudá-lo. A confiança e a certeza com que as primeiras providências foram tomadas lhe fizeram bem. Já se sentia de novo incluído no círculo humano e esperava dos dois, do médico e do serralheiro, sem distingui-los exatamente, desempenhos grandiosos e surpreendentes. A fim de ter a voz mais clara possível para as conversações decisivas e iminentes, pigarreou de leve, ainda que se esforçasse para abafar o som, pois possivelmente esse ruído também soava diferente da tosse humana, o que ele já não confiava em si para decidir. No cômodo contíguo se fez um silêncio completo nesse ínterim. Talvez os pais tivessem se sentado com o gerente à mesa e sussurrassem, talvez todos estivessem inclinados sobre a porta, à espreita.



Gregor arrastou-se devagar com a cadeira até a porta, soltou-a quando chegou, jogou-se contra a porta, mantendo-se em pé recostado nela — a ponta de suas perninhas tinha um pouco de uma substância grudenta —, e ficou ali, descansando do esforço por um momento. E então se pôs a girar a chave na fechadura com a boca. Infelizmente, ao que parecia, não tinha nenhum dente de verdade — com o que ele deveria prender a chave agora? —, mas, em compensação, as mandíbulas eram certamente muito fortes; com a ajuda delas, pôs a chave em movimento, sem reparar que estava, por certo, causando algum dano em si mesmo, pois um líquido marrom saiu de sua boca, escorreu sobre a chave e pingou no chão.

— Ouçam — disse o gerente no quarto contíguo —, ele virou a chave.

Para Gregor, foi um grande estímulo, mas todos tinham de apoiá-lo, inclusive o pai e a mãe: “Força, Gregor”, deveriam ter gritado, “vamos em frente, vamos com essa fechadura!”. E, com a imagem mental de que todos acompanhavam com aflição seus

esforços, ensandecido mordeu a chave com toda a força que pôde reunir. Acompanhando o giro da chave, ele dançou ao redor da fechadura; agora se mantinha em pé apenas com a boca e, conforme a necessidade, pendurava-se na chave ou a pressionava de novo para baixo com todo o peso do corpo. O som mais nítido da fechadura, que por fim estalou e se abriu, despertou Gregor de verdade. Ele disse a si mesmo, respirando aliviado:

— Bem, não precisei do serralheiro. — E pousou a cabeça sobre a fechadura para abrir a porta por completo.

Como precisava abrir a porta puxando contra si, manteve-se oculto. Mesmo quando ela já estava escancarada, ainda não era possível vê-lo. Precisou primeiro contornar lentamente uma das folhas da porta dupla, com muito cuidado mesmo, para não despencar desajeitadamente de costas de uma vez diante da entrada do quarto. Ainda se ocupava com aquele movimento difícil, sem tempo para prestar atenção em nada, quando ouviu o gerente soltar um alto “Ó!” — que soou como quando o vento zune —, e então ele o viu também, como era o mais próximo da porta, pressionando a mão sobre a boca aberta e recuando com vagar, como se uma força invisível, agindo continuamente, o empurrasse. A mãe — apesar da presença do gerente, ela estava em pé ali, com os cabelos ainda desgrenhados pela noite, espetados para o alto — olhou primeiro para o pai com os dedos entrelaçados, deu então dois passos na direção de Gregor e despencou no meio das saias que se espalhavam ao seu redor, o rosto completamente encoberto, afundado no peito. Com expressão hostil, o pai cerrou o punho como se quisesse enxotar Gregor de volta para o aposento, em seguida olhou inseguro ao redor da sala de estar, depois cobriu os olhos com as mãos e chorou tanto que fez sacudir seu poderoso peitoral.



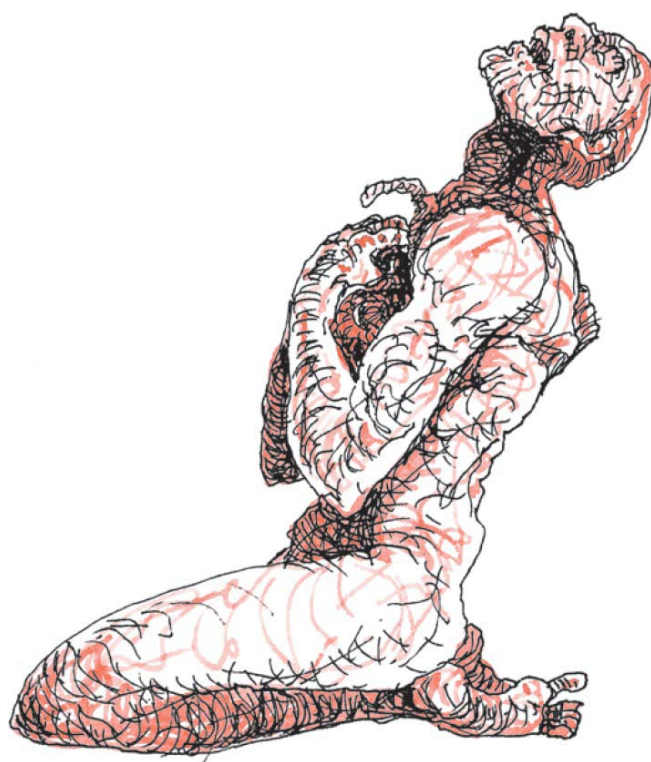
Gregor não entrou na sala de estar, mas se recostou, de dentro, à firme folha da porta, de forma que se via apenas seu corpo pela metade e sobre ele a cabeça inclinada para o lado, com a qual ele espiava os demais. Nesse meio-tempo, havia clareado bastante; do outro lado da rua ficava o recorte cinza-escuro e infinitamente longo do prédio à frente — era um hospital —, com as janelas regulares que rompiam duramente a fachada; a chuva ainda caía, mas apenas com gotas grandes e individualmente visíveis, lançadas de verdade uma a uma sobre a terra. Havia uma profusão de louças do café da manhã sobre a mesa, pois, para o pai, o café da manhã era a refeição mais importante do dia, na qual ele passava horas com a leitura de diversos jornais. Exatamente na parede à frente pendia uma fotografia de Gregor em seu tempo de serviço militar, como tenente, a mão na espada, sorrindo de forma casual, exigindo respeito por sua postura e seu uniforme.

A porta da antessala estava aberta, e se viam, pois também a porta do apartamento estava aberta, o vestíbulo da casa e o início da escada que levava até o andar de baixo.



— Bem — disse Gregor, ciente de que era o único que mantivera a tranquilidade —, vou me vestir agora mesmo, arrumar o mostruário na mala e partir. Vocês vão me deixar partir, não vão? Bem, senhor gerente, como vê, não sou teimoso e trabalho com gosto; viajar é difícil, mas não conseguiria viver sem viajar. Aonde o senhor está indo, senhor gerente? Para a empresa? Sim? Vai relatar tudo com veracidade? Por ora, é possível que não se consiga trabalhar, mas esse é o momento certo para se lembrar das realizações passadas e considerar que, mais tarde, após a remoção do obstáculo, certamente se trabalhará de forma mais diligente e concentrada. Tenho um grande compromisso com o chefe, o senhor sabe muito bem disso. Por outro lado, cuido de meus pais e de minha irmã. Estou apertado, mas vou arrumar um jeito de sair desta situação. No entanto, não dificulte as coisas mais do que já estão difíceis para mim. Tome meu partido na empresa! Que ninguém ama o caixeiro-viajante eu sei. Pensam que ganha uma fortuna e leva uma boa vida. Não há de fato nenhuma ocasião particular para refletirem melhor sobre esse preconceito. Mas o senhor, senhor gerente, tem uma visão geral da situação melhor do que o restante

do pessoal, até mesmo, digo aqui entre nós, em total confiança, uma visão geral melhor que a do próprio patrão, que em sua condição de empresário se deixa facilmente enganar no julgamento em desfavor do empregado. O senhor também sabe muito bem que o caixeiro-viajante, que fica quase o ano todo fora da empresa, facilmente se torna vítima de boataria, eventualidades e queixas infundadas, contra as quais é totalmente incapaz de se defender, já que em geral não sabe de nada e apenas quando está em casa, exausto, após encerrar uma viagem, sente no próprio corpo as terríveis consequências, cuja causa não é mais possível de ser traçada. Senhor gerente, não vá embora sem dizer uma palavra que me mostre que o senhor me dá ao menos uma pequena parcela de razão!



O gerente, porém, havia se virado já nas primeiras palavras de Gregor e o olhava apenas por sobre os ombros trêmulos, com lábios esgarçados na direção de Gregor. E, durante o discurso, não ficou parado nem por um segundo, mas, sem tirar os olhos de Gregor, afastou-se em direção à porta, muito vagarosamente, como se

existisse uma proibição secreta de sair da sala. Já estava na antessala e, a julgar pelo movimento súbito com que havia tirado o pé da sala de estar pela última vez, era de pensar que havia acabado de queimar a sola do pé. Na antessala, no entanto, estendeu a mão direita na direção das escadas, como se lá uma salvação realmente sobrenatural o esperasse.

Gregor percebeu que não podia, sob hipótese alguma, deixar que o gerente fosse embora nesse estado de espírito, pois isso faria sua posição na empresa correr um enorme perigo. Os pais não entendiam nada daquilo muito bem; nesses longos anos, haviam se convencido de que Gregor estava arranjado para o resto da vida nessa empresa e, além disso, tinham tanto a fazer com as preocupações de momento que lhes escapava qualquer previsão. Mas Gregor tinha essa previsão. O gerente tinha que ser detido, acalmado, convencido e finalmente conquistado; o futuro de Gregor e de sua família dependia disso! Se a irmã estivesse ali! Era esperta; já havia chorado enquanto Gregor estava tranquilamente deitado de costas. E por certo o gerente, amigo das damas, teria se deixado distrair por ela; ela teria fechado a porta do apartamento e desmanchado seu susto na antessala. Mas, se a irmã não estava lá, o próprio Gregor precisava agir. E sem pensar que, por ora, ainda não conhecia suas atuais capacidades de se movimentar, sem sequer pensar que era possível — até provável — que seu discurso não fora mais uma vez compreendido, ele deixou a folha da porta; arrastou-se através da abertura; quis ir até o gerente, que segurava com firmeza o corrimão do vestibulo com as duas mãos de forma ridícula; mas Gregor, procurando apoio e soltando um gritinho, caiu de imediato sobre suas muitas perninhas. Mal isso havia acontecido, sentiu pela primeira vez naquela manhã um bem-estar físico; as perninhas tinham chão firme embaixo delas; obedeciam perfeitamente, como, para sua alegria, pôde perceber; até aspiravam levá-lo aonde quisesse; e ele já acreditava que a melhora definitiva de todo o sofrimento era iminente. Contudo, no mesmo instante, enquanto se balançava no chão com um movimento contido, não muito longe de sua mãe, mas bem diante dela, que

parecia completamente ensimesmada, viu-a pular de uma só vez ao alto, de braços abertos, dedos estendidos, gritando:

— Socorro, pelo amor de Deus, socorro!

Manteve a cabeça abaixada, como se quisesse ver Gregor melhor, mas, em contradição a esse gesto, recuava de um jeito absurdo; havia esquecido que a mesa posta estava atrás dela; sentou-se sobre ela quando a alcançou, distraída, e pareceu não notar que, ao seu lado, o grande jarro virado derramava uma corredeira de café sobre o tapete.



— Mãe, mãe — disse Gregor, em voz baixa, olhando para ela de baixo para cima.

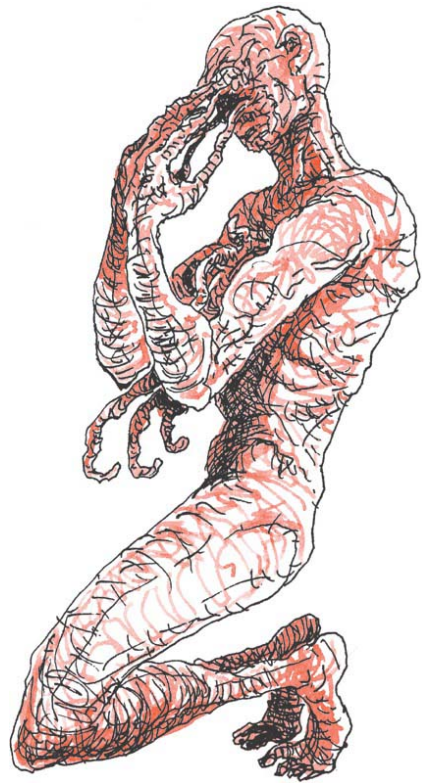
Por um momento, o gerente caiu em completo esquecimento para ele; por outro lado, não pôde se conter com a visão do café que escorria e estalou as mandíbulas no vazio várias vezes. Com isso, a mãe gritou de novo, fugiu da mesa e caiu nos braços do pai, que ia ao encontro dela. Mas Gregor não tinha tempo para os pais agora; o gerente já estava na escadaria; com o queixo no corrimão, ele olhou pela última vez para trás. Gregor tomou um impulso para alcançá-lo da forma mais certa possível; o gerente deve ter suspeitado de algo, pois saltou vários degraus e desapareceu; mas

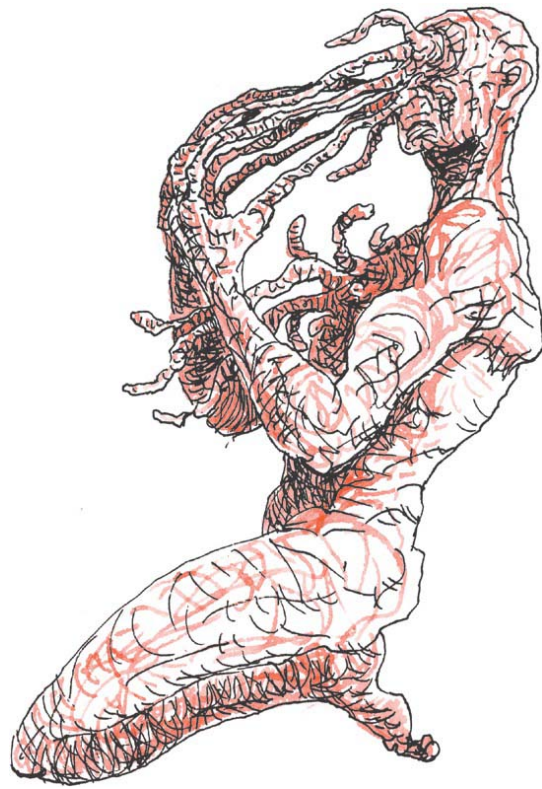
ainda gritou um “Ai!” que ressoou pela escadaria toda. Infelizmente a fuga do gerente também pareceu desesperar por completo o pai, que até então havia se mantido relativamente calmo, pois, em vez de ele mesmo correr atrás do gerente ou, ao menos, não impedir Gregor em sua perseguição, agarrou com a mão direita a bengala do gerente, que a havia deixado para trás com o chapéu e o sobretudo em uma poltrona, puxou com a esquerda um grande jornal da mesa e se pôs, com batidas de pé, a enxotar Gregor de volta para o quarto, brandindo a bengala e o jornal. Nenhum pedido de Gregor adiantou, nenhum pedido tampouco foi entendido; por mais que virasse a cabeça com humildade, o pai apenas batia os pés cada vez mais forte. Do outro lado, apesar do tempo frio, a mãe havia escancarado uma janela e, inclinada para fora, bem distante da vidraça, apertava o próprio rosto com as mãos. Entre a ruazinha e a escadaria, surgiu uma forte corrente de ar, as cortinas da janela voaram, jornais farfalharam sobre a mesa, folhas soltas agitavam-se pelo chão. Implacável, o pai pressionava e sibilava como um selvagem. Gregor, no entanto, não tinha nenhuma prática em andar para trás, era realmente muito lento. Se ao menos pudesse se virar, logo estaria em seu quarto, mas tinha medo de impacientar o pai com o giro vagaroso, que a todo momento o ameaçava com um golpe fatal nas costas ou na cabeça pela bengala na mão. Por fim, no entanto, Gregor não tinha outra escolha, pois percebeu com horror que não sabia nem mesmo como manter a direção andando de costas; assim, com olhares de soslaio ininterruptos e angustiados para o pai, começou a se virar o mais rápido possível, o que, na realidade, era muito lento. Talvez o pai tenha notado sua boa vontade, porque não apenas não o incomodou, como, vez ou outra, até mesmo direcionou sua rotação de longe com a ponta da bengala. Se não fosse pelo silvo insuportável do pai! Gregor perdeu a cabeça completamente com ele. Já havia dado quase toda a volta quando, ouvindo sempre aquele chiado, enganou-se e voltou um pouco para a posição antiga. Quando por fim estava feliz com a cabeça diante da abertura da porta, viu que o corpo era largo demais para simplesmente passar por ali. Claro que não ocorreu ao pai em sua atual condição, nem mesmo de longe, por exemplo, abrir

a outra folha da porta para oferecer passagem suficiente a Gregor. Sua ideia fixa era simplesmente que Gregor deveria entrar o mais rápido possível em seu quarto. Jamais teria permitido os preparativos laboriosos de que Gregor precisava para se levantar e, talvez dessa forma, passar pela porta. Pelo contrário, agora estava fazendo um alarido peculiar o instigando adiante, como se não houvesse nenhum obstáculo; a voz não soava atrás de si como a de apenas um pai; realmente não estava brincando, e Gregor se apertou — acontecesse o que acontecesse — porta adentro. Um lado de seu corpo ergueu-se, ele ficou inclinado na abertura da porta, um flanco seu estava completamente esfolado, manchas odiosas permaneceram na porta branca; logo ele ficou preso e já não podia mais se mover sozinho, as perninhas de um lado pendiam tremelizando no ar, as do outro lado estavam pressionadas contra o chão de forma dolorosa — então o pai lhe deu uma pancada por trás genuinamente forte e libertadora, e ele voou longe, sangrando violentamente, para dentro de seu quarto. A porta ainda foi batida com a bengala, e, enfim, houve silêncio.

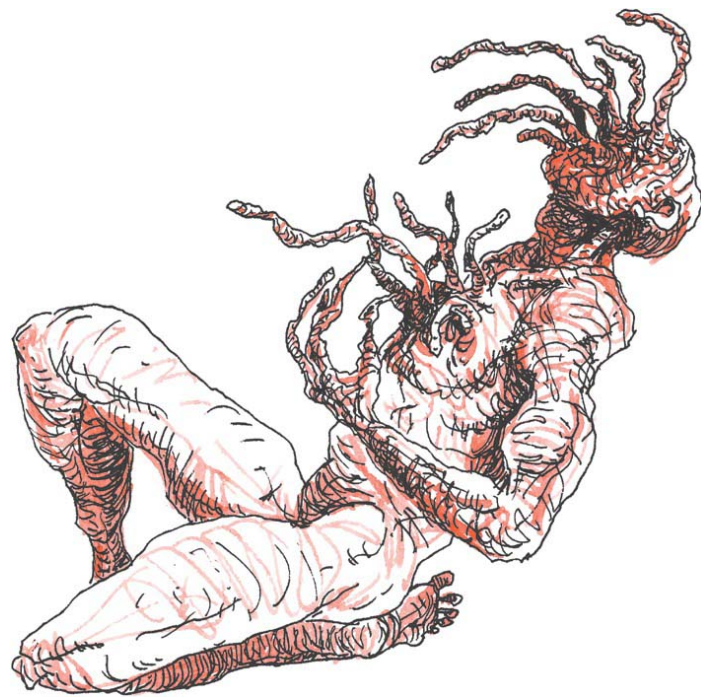




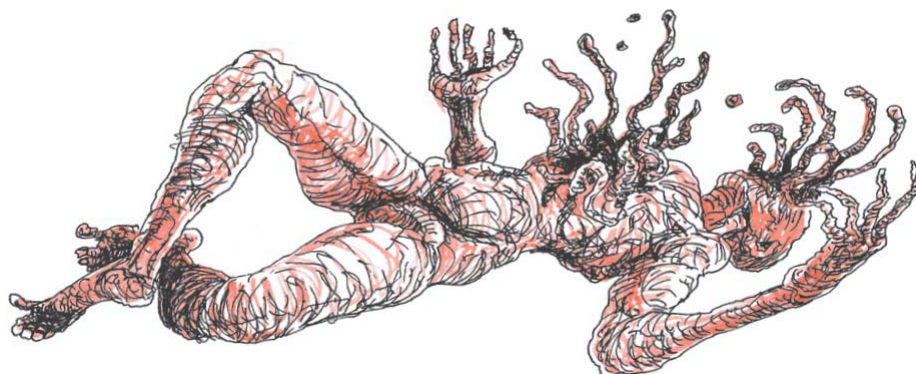








II



Somente ao cair da noite Gregor acordou de seu sono pesado como um desmaio. Certamente não teria despertado muito mais tarde, mesmo sem perturbação alguma, pois sentia que havia repousado e dormido o suficiente, mas lhe parecia que passos fugidios e o cerrar cuidadoso da porta que levava à antessala o haviam despertado. O brilho das lâmpadas elétricas jazia pálido aqui e ali, no teto do quarto e no alto dos móveis, mas embaixo, onde Gregor permanecia, estava escuro. Com vagar ele se moveu até a porta, ainda de forma desajeitada, tateando com as antenas, que agora havia aprendido a apreciar, para ver o que lá havia acontecido. Seu lado esquerdo parecia ter uma única e longa cicatriz, estirada de um jeito desagradável, e ele teve que mancar sobre as duas fileiras de pernas. Aliás, uma perninha havia sido gravemente ferida durante os incidentes da manhã — era quase um milagre que apenas uma tivesse sido ferida — e se arrastava sem vida.

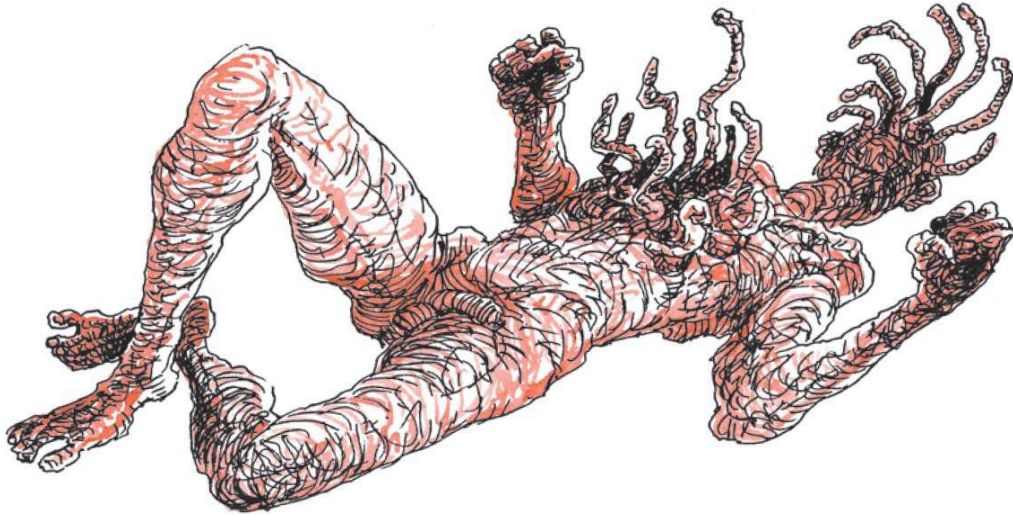
Apenas à porta percebeu o que o atraía até ali de fato; era o cheiro de algo comestível. Lá estava uma tigela cheia com leite doce, na qual nadavam pedacinhos de pão branco. Quase riu de felicidade, pois tinha uma fome ainda maior que a da manhã, e logo mergulhou a cabeça no leite até quase cobrir os olhos. No entanto, em seguida recuou de novo, decepcionado; não apenas a comida

lhe trazia dificuldades por conta de seu lado esquerdo sensível — conseguia comer apenas se o corpo todo, resfolegante, colaborasse —, mas também o leite, que antes era sua bebida preferida, e por isso a irmã certamente o tinha colocado ali para ele, não lhe agradava em nada; assim, ele se afastou quase com nojo da tigela e se arrastou de volta para o meio do quarto.

Na sala de estar, como Gregor entreviu pelo vão da porta, o gás estava aceso, mas, nessa hora do dia, em que normalmente o pai costumava ler em voz alta, para a mãe, e uma vez ou outra também para a irmã, o jornal que circulava à tarde, não se ouvia nenhum ruído. Talvez essa leitura em voz alta, da qual a irmã sempre lhe falava e escrevia, tivesse cessado nos últimos tempos. Porém, nos arredores também havia silêncio, mesmo que, decerto, o apartamento não estivesse vazio.

— Que vida quieta a família levava — disse Gregor a si mesmo e sentiu, enquanto encarava a escuridão diante de si, grande orgulho por ter proporcionado aos pais e à irmã tal vida em um apartamento tão bonito. Mas como seria, se agora toda a tranquilidade, todo o bem-estar, toda a satisfação tivessem de chegar ao fim de um modo apavorante? Para não se perder em tais pensamentos, Gregor preferiu se pôr em movimento e rastejou pelo quarto de um lado para o outro.

Uma vez, durante a longa noite, uma das portas laterais se abriu um pouco, e depois outra, fazendo uma pequena fresta, e rapidamente voltaram a se fechar; alguém tinha mesmo a necessidade de entrar ali, mas, ao mesmo tempo, hesitava em demasia. Gregor postou-se bem diante da porta que dava para a sala de estar, decidido a trazer o visitante indeciso de alguma forma para dentro ou ao menos descobrir quem seria; mas então a porta não se abriu mais, e Gregor esperou em vão. Antes, quando as portas estavam trancadas, todos queriam entrar para ter com ele; agora que ele havia aberto uma porta, e as outras tinham sido obviamente abertas durante o dia, ninguém mais entrava, e as chaves também estavam do lado de fora.

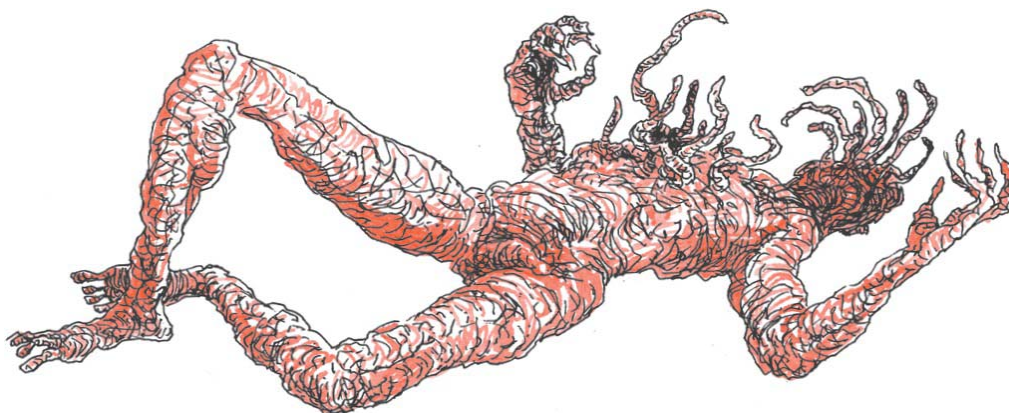


Somente tarde da noite a luz da sala de estar foi apagada, e então foi fácil constatar que os pais e a irmã tinham permanecido acordados até aquela hora, pois, tal como se podia ouvir com exatidão, os três estavam se afastando na ponta dos pés. Sendo assim, até o amanhecer com certeza ninguém mais entraria para ter com Gregor; ou seja, ele dispunha de um longo período sem ser perturbado para refletir sobre como deveria reorganizar sua vida agora. Porém, o quarto vazio e de pé-direito alto no qual ele foi obrigado a ficar escarrapachado no chão o angustiava, sem que pudesse descobrir a causa, pois era o quarto habitado por ele já havia cinco anos — e com uma virada semi-inconsciente, e não sem um tanto de vergonha, correu para baixo do canapé, onde, apesar de ficar com as costas um pouco comprimidas e de não poder mais erguer a cabeça, sentiu-se bem acomodado, lamentando apenas que seu corpo fosse largo demais para ficar protegido por completo embaixo daquele móvel.

Ali permaneceu a noite toda, que em parte passou em semissono, do qual era despertado no susto pela fome, mas em parte envolvido em preocupações e esperanças indistintas que o levaram à decisão de que, por ora, precisava se comportar com tranquilidade e, com paciência e máxima consideração pela família, tornar suportáveis as vexações que ele, em seu estado atual, era forçado a lhes causar.

Logo cedinho, ainda era quase noite, Gregor teve a oportunidade de testar a força das decisões recém-tomadas, pois da antessala a irmã, quase totalmente vestida, abriu a porta e olhou para dentro com ansiedade. Não o encontrou de pronto, mas quando o percebeu embaixo do canapé — Deus, ele precisava estar em algum lugar, não podia ter saído voando! —, ela se apavorou tanto que, sem conseguir se controlar, voltou a fechar a porta com tudo. No entanto, como se arrependida de seu comportamento, tornou a abrir a porta em seguida e entrou na ponta dos pés, como se estivesse no aposento de alguém muito doente ou até mesmo de um estranho. Gregor tinha estendido a cabeça até quase a beirada do canapé e a observava. Será que ela perceberia que ele havia deixado o leite intocado, que de modo algum era por falta de fome, e será que ela traria outro alimento que lhe aprouvesse mais? Se ela não fizesse isso por conta própria, ele preferiria morrer de fome a lhe chamar a atenção para tal fato, apesar de sentir uma urgência enorme de sair em disparada de baixo do canapé, jogar-se aos pés da irmã e lhe pedir algo bom para comer. Mas a irmã imediatamente percebeu, com surpresa, a tigela ainda cheia, da qual apenas um pouco de leite havia sido derramado ao redor, então a ergueu de pronto — não com as mãos desprotegidas, mas com um trapo — e a levou para fora. Gregor ficou extremamente curioso a respeito do que ela traria para substituir e se entregou aos mais diversos pensamentos. Porém, nunca teria adivinhado o que a irmã, em sua bondade, fizera para ele. Para testar seu paladar, ela trouxe uma variedade de coisas, espalhando tudo sobre um velho jornal. Havia legumes meio apodrecidos, ossos do jantar, cercados por molho branco endurecido, algumas uvas-passas e amêndoas, um queijo, que Gregor havia dito ser intragável dois dias antes, um pão seco, um pão com manteiga e um pão com manteiga e sal. Além disso, deixou junto com tudo aquilo a tigela, provavelmente destinada a Gregor de uma vez por todas, na qual havia despejado água. E por delicadeza, pois sabia que Gregor não comeria diante dela, afastou-se o mais rápido que pôde e até mesmo virou a chave para que Gregor percebesse que podia ficar tão à vontade quanto quisesse. As perninhas de Gregor zumbiram quando ele foi comer. De resto,

seus ferimentos também já deviam estar totalmente curados. Não sentia mais nenhum impedimento, surpreendeu-se com isso e pensou no cortezinho que fizera no dedo com uma faca, mais de um mês atrás, e em como esse ferimento ainda lhe causava bastante dor até dois dias antes. “Será que agora tenho menos sensibilidade?”, pensou, e logo estava sugando com avidez o queijo, ao qual havia sido imediata e enfaticamente atraído antes de todos os outros alimentos. Em sequência veloz e com olhos marejados de satisfação, devorou o queijo, os legumes e o molho; os pratos frescos, por sua vez, não lhe apeteciam, ele mal conseguia suportar seu cheiro e até arrastou um tantinho para longe as coisas que queria comer. Já terminara havia um bom tempo e estava saciado, parado no mesmo lugar, quando a irmã girou lentamente a chave como sinal de que ele devia recuar. Aquilo lhe causou sobressalto imediato, apesar de estar quase cochilando, e se apressou a entrar debaixo do canapé. Mas, mesmo que por curto tempo, custou-lhe grande força de vontade permanecer sob o canapé enquanto a irmã estava no quarto, pois seu corpo havia se arredondado um pouco por causa da comida abundante e ali, naquela estreiteza, ele mal conseguia respirar. Com pequenos acessos de sufocamento, observou, com olhos um tanto esbugalhados, como a irmã inocente varreu não apenas os restos com uma vassoura, mas também os alimentos intocados por Gregor, como se esses também não fossem mais ser consumidos, e como jogou tudo rapidamente em um balde, que ela fechou com uma tampa de madeira, carregando tudo para fora. Mal havia se virado quando Gregor saiu debaixo do canapé se arrastando, alongou-se e se encheu de ar.



Agora era dessa maneira que Gregor recebia diariamente suas refeições, uma vez pela manhã, quando os pais e a empregada ainda dormiam, e uma segunda vez após todos almoçarem, pois depois disso os pais também tiravam a sesta, e a empregada era despachada pela irmã com algum afazer. Certamente eles também não queriam que Gregor morresse de fome, mas talvez não agentassem saber mais detalhes sobre suas refeições além daquilo que ouviam. Talvez a irmã também quisesse poupá-los de uma pequena e possível tristeza, pois, de fato, já estavam sofrendo o suficiente.



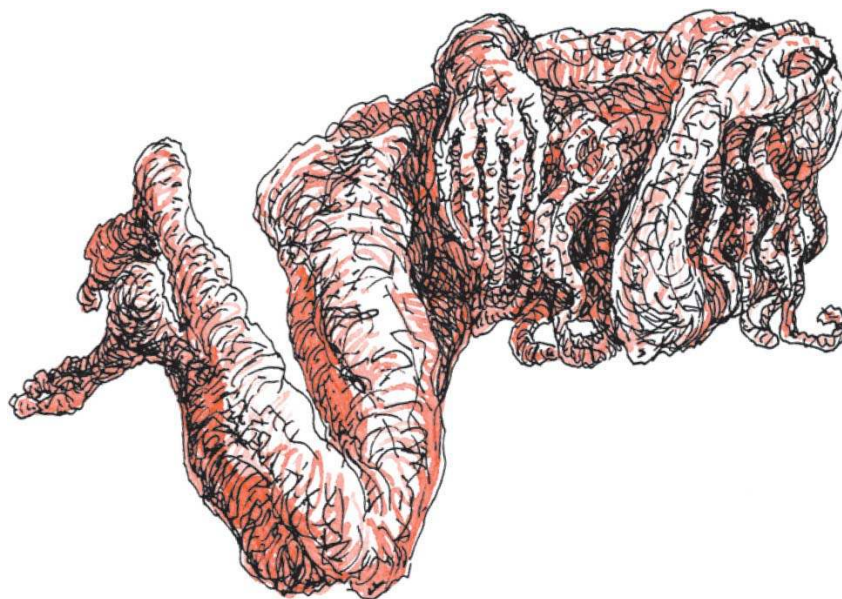
Gregor não conseguiu saber com qual desculpa lograram despachar o médico e o serralheiro do apartamento naquela primeira manhã, pois, como não o compreendiam, ninguém imaginava, nem mesmo a irmã, que podia entender os outros, e assim, quando a irmã estava no quarto, precisava se contentar apenas em ouvir aqui e ali seus suspiros e suas súplicas aos santos. Apenas mais tarde, quando ela se acostumara um pouco àquilo tudo — nunca se poderia falar, obviamente, de uma

adaptação completa —, Gregor às vezes escutava uma observação amistosa ou que assim podia ser interpretada.

— Mas hoje ele gostou da comida — dizia ela quando Gregor devorava toda a refeição com entusiasmo, enquanto, na situação oposta, que aos poucos se repetia com frequência cada vez maior, cuidasse de dizer, quase com tristeza: — Agora deixou tudo de novo.

Embora Gregor não pudesse estar a par de nenhuma novidade de imediato, escutava muito do que vinha dos cômodos contíguos e, de onde quer que ouvisse vozes, logo corria até a porta correspondente e pressionava-se contra ela com o corpo inteiro. Especialmente no início, não havia conversa que de alguma forma, mesmo que apenas em segredo, não se tratasse dele. Durante dois dias foi possível ouvir, em todas as refeições, conferências sobre como deveriam se portar agora, mas também entre as refeições se falava sobre o mesmo tema, pois sempre havia em casa ao menos dois membros da família; ninguém queria mesmo ficar sozinho no apartamento e, em hipótese alguma, poderiam deixá-lo totalmente inabitado. Além disso, já no primeiro dia, a empregada — não estava totalmente claro o que e quanto ela sabia do acontecido — pediu de joelhos à mãe para dispensá-la de imediato e, quando se despediu, quinze minutos mais tarde, agradeceu pela demissão às lágrimas, como se fosse a maior graça que ali lhe haviam concedido, e prestou, sem que ninguém lhe exigisse, um juramento solene de não revelar absolutamente nada, nem mesmo um mínimo detalhe, a ninguém.

Agora a irmã também precisava cozinhar na companhia da mãe; porém, isso não exigia tanto esforço, pois quase não se comia nada. A toda hora Gregor ouvia um insistindo em vão para que o outro comesse, não recebendo senão um “agradeço, já comi” ou coisa parecida como resposta. É provável que também não bebessem nada. Com frequência a irmã perguntava ao pai se ele queria uma cerveja e com carinho se oferecia para buscá-la; quando o pai se calava, dizia a ele que não se preocupasse, pois poderia também pedir à zeladora que a providenciasse, mas o pai dizia por fim um grande “não”, e não se falava mais no assunto.



Já no decorrer do primeiro dia, o pai apresentou à mãe e à irmã todas as circunstâncias financeiras e as perspectivas. Vez por outra, ele se erguia da mesa e tirava algum comprovante ou caderneta do pequeno cofre-forte que havia resgatado quando da falência de sua empresa, que se dera cinco anos antes. Ouvia-se como destrancava a complicada fechadura e, depois de retirar o que buscava, voltava a fechá-la. Essas explicações do pai eram em parte a primeira coisa agradável que Gregor ouvia depois de seu aprisionamento. Ele acreditava que não havia sobrado nem o mínimo daquela empresa — ao menos o pai não lhe dissera o contrário e, de qualquer forma, Gregor também não havia perguntado. A preocupação de Gregor à época era apenas empenhar todos os esforços para que a família esquecesse o mais rápido possível a derrocada comercial que levara todos a uma completa desesperança. E assim, à época, ele começou a trabalhar com um fervor muito especial e passara quase da noite para o dia de simples caixeiro a caixeiro-viajante, o que, obviamente, oferecia possibilidades completamente diversas de ganhos e cujos êxitos profissionais logo se transformaram, na forma de comissão, em dinheiro vivo, que podia ser posto à mesa em casa para a família surpresa e exultante. Foram belos tempos, que nunca se repetiram depois disso, ao menos não com o mesmo brilho, apesar de que, mais tarde, Gregor ganhara tanto dinheiro que teve

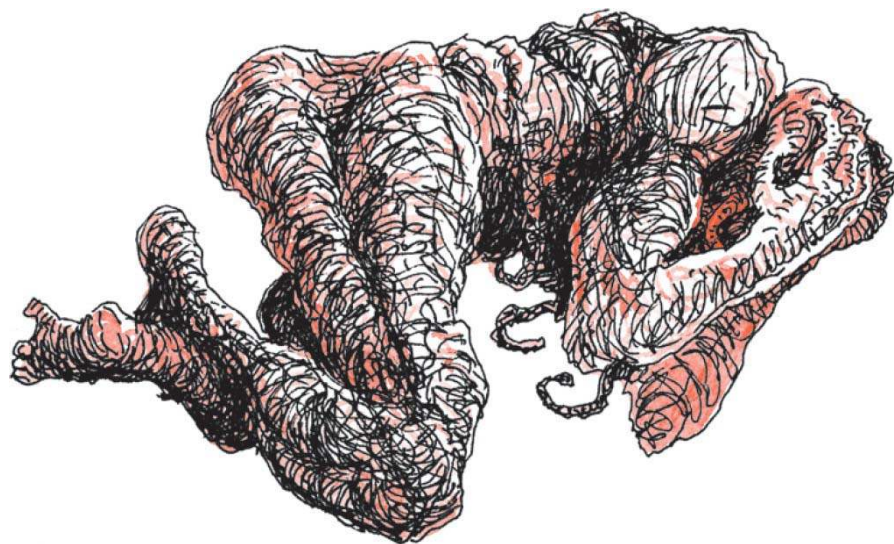
condições de arcar, e de fato arcou, com os dispêndios de toda a família. Isso se tornou um costume tanto para a família quanto para Gregor: aceitava-se o dinheiro com gratidão, ele o entregava com prazer, mas disso não resultava mais nenhum entusiasmo excepcional. Apenas a irmã ainda continuava próxima a Gregor, que tinha como plano secreto enviá-la ao conservatório no ano seguinte, sem considerar os altos custos que poderia ter e que seriam recuperados de outra forma, pois ela, diferente de Gregor, amava muito a música e tocava violino de um jeito emocionante. Não raro, durante as curtas estadas de Gregor na cidade, o conservatório era mencionado nas conversas com a irmã, mas sempre e meramente como um sonho belo, cuja realização estava fora de cogitação, e os pais tampouco ouviam com gosto tais insinuações inocentes; contudo, Gregor pensava nisso de forma muito determinada e pretendia anunciar seu intuito solenemente na noite de Natal.

Esses pensamentos inúteis em seu estado atual lhe passavam pela cabeça enquanto estava erguido, colado à porta e espreitando. Às vezes, diante do cansaço generalizado, não conseguia sequer mais ouvir e, descuidado, deixava a cabeça bater contra a porta, mas logo se segurava outra vez, pois até o mínimo ruído que produzisse era ouvido do outro lado, fazendo que todos se calassem.

— O que ele está aprontando de novo? — questionava o pai depois de um momento, claramente voltado à porta, e somente então, aos poucos, a conversa interrompida era retomada.

Gregor então soube a contento — pois o pai cuidava de se repetir com frequência em suas explicações, em parte porque ele mesmo não se ocupava com tais coisas havia muito, em parte também porque a mãe não entendia tudo da primeira vez — que, apesar de toda a atribulação, ainda estava disponível uma reserva bem pequena dos velhos tempos, que havia crescido um pouco em virtude dos juros intocados nesse meio-tempo. Além disso, havia o dinheiro que Gregor trazia para casa mensalmente — para si mesmo tinha guardado apenas alguns florins —, que não fora inteiramente despendido e se transformara, assim, em um pequeno capital. Gregor, por trás de sua porta, meneava a cabeça com afã,

feliz pela inesperada precaução e parcimônia. Na verdade, poderia ter liquidado com esse dinheiro extra um tanto mais da dívida do pai com o chefe, e estaria muito mais próximo do dia em que poderia se livrar do emprego, mas sem dúvida o jeito que o pai dera nas coisas tinha sido melhor.



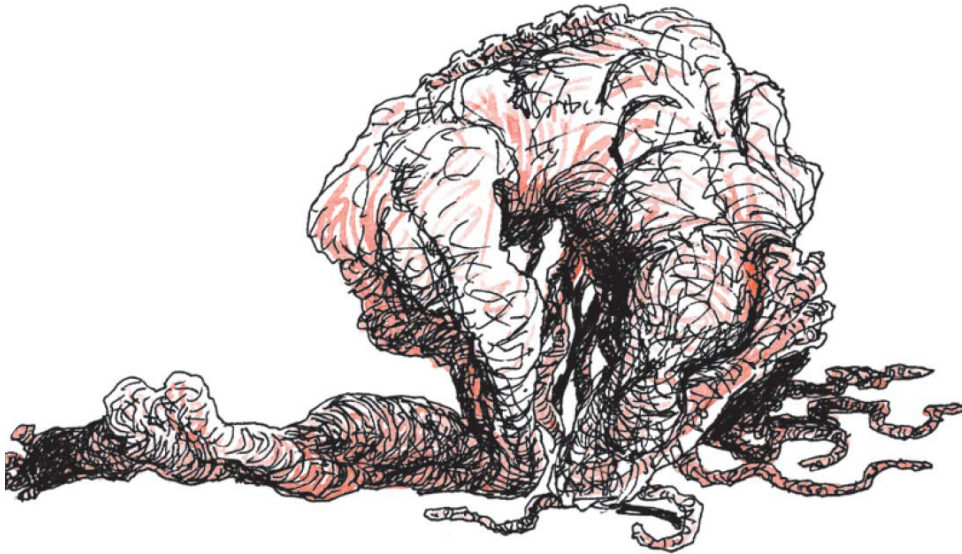
Porém, esse dinheiro não bastava de forma alguma para que a família vivesse do rendimento dos juros; talvez bastasse para manter a família por um ano, no máximo dois, não mais. Ou seja, era meramente uma soma na qual não se podia mexer de verdade e que precisava ficar reservada para um caso de emergência; no entanto, era preciso ganhar dinheiro para viver. O pai era um homem, sem dúvidas, saudável, mas idoso, que já não trabalhava havia cinco anos e a quem, de qualquer forma, não se podiam confiar muitas coisas; nesses cinco anos, que foram as primeiras férias de sua vida esforçada, porém nada exitosa, ele havia engordado muito e, assim, se tornado bem lento. Será que a mãe idosa, que sofria de asma, a quem uma caminhada pelo apartamento já exigia esforço e que, dia sim, dia não, ficava diante da janela aberta com dificuldade para respirar, deveria ganhar dinheiro agora? E será que a irmã, ainda uma criança de dezessete anos cujo estilo de vida até então dava gosto de ver — vestir-se bem, dormir bastante, ajudar nos afazeres, participar de algumas diversões modestas e, acima de tudo, tocar violino —, deveria

ganhar dinheiro? Quando surgia a conversa sobre essa necessidade de ganhar dinheiro, Gregor sempre se afastava da porta e se jogava sobre o fresco sofá de couro ao lado da porta, pois ardia por completo de vergonha e tristeza.

Com frequência ele passava noites inteiras deitado lá, sem dormir em momento algum, apenas arranhando o couro por horas. Ou então não se furtava ao grande esforço de arrastar uma poltrona à janela para depois rastejar até o peitoril e, recostado na poltrona, inclinar-se na janela e observar lá fora, evidentemente apenas por revisitar qualquer lembrança da liberdade que antes sentia de olhar pela janela. Pois, de fato, dia após dia, ele via as coisas cada vez mais nebulosas, inclusive as que não ficavam tão distantes assim: já não conseguia discernir o hospital do outro lado da rua, cuja vista recorrente ele antes amaldiçoara, e, se não soubesse exatamente que morava na tranquila, porém totalmente urbana rua Charlotte, poderia jurar estar olhando para um deserto além da janela, no qual o céu e a terra cinzentos se misturavam indistintamente. A atenta irmã precisou ver apenas algumas vezes que a poltrona estava ao lado da janela para que, a partir de então, quando arrumava o quarto, arrastasse até lá novamente o móvel, deixando inclusive a folha interna da janela aberta.

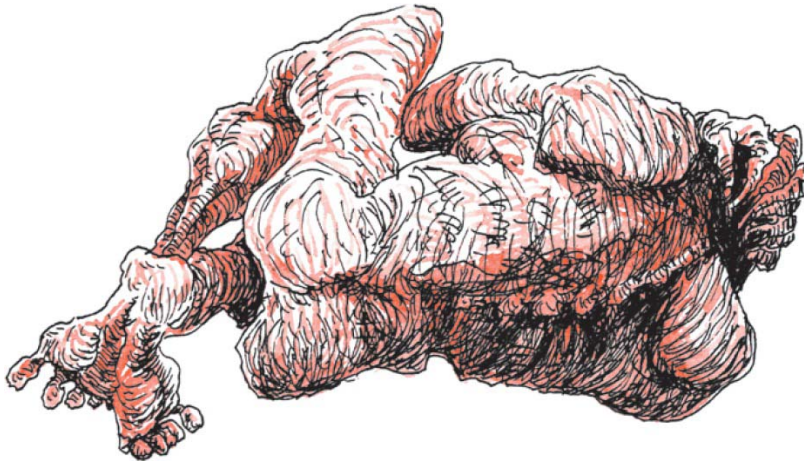
Se ao menos Gregor pudesse falar com a irmã e agradecer por tudo o que ela fazia por ele, teria lidado com seus serviços com mais facilidade; mas sofria com a situação. Sem dúvida, a irmã buscava apagar ao máximo tudo o que era embaraçoso e, quanto mais tempo passava, mais naturalmente conseguia fazê-lo; porém, com o tempo, Gregor enxergou tudo com muito mais precisão. Até mesmo a entrada da irmã era apavorante para ele. Mal ela aparecia, sem perder tempo fechando a porta, por mais que cuidasse para poupar qualquer um da visão do quarto de Gregor, corria diretamente à janela e a escancarava com mãos rápidas, como se quase sufocasse, permanecendo ali por um breve momento e, mesmo apesar do frio, respirando fundo. Com essa correria e a barulheira, ela assustava Gregor duas vezes todos os dias; o tempo todo ele tremia embaixo do canapé e ainda assim sabia muito bem

que ela certamente o teria poupado disso se ao menos conseguisse ficar com as janelas fechadas no quarto onde ele estava.

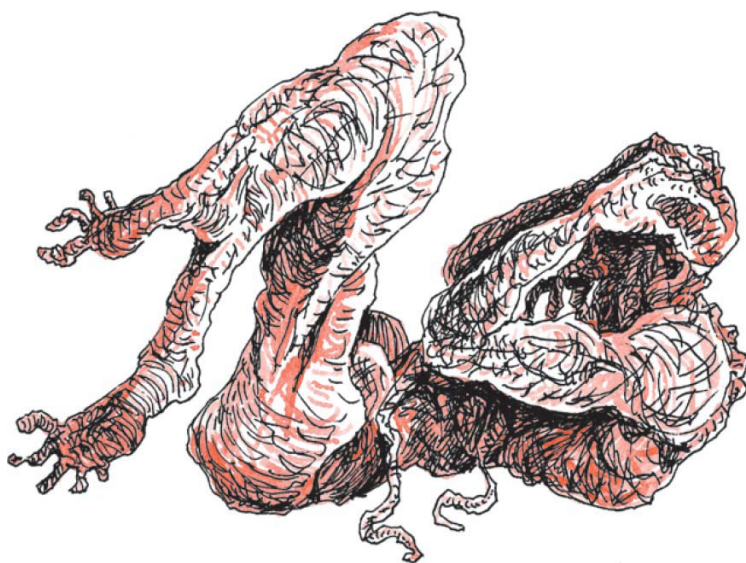


Certa vez, cerca de um mês desde a metamorfose de Gregor, e já não havia nenhum motivo especial para a irmã se surpreender com a aparência do irmão, ela entrou um pouco mais cedo que de costume e encontrou Gregor olhando pela janela, imóvel e posicionado como se fosse realmente assustar alguém. Não teria sido inesperado para Gregor se ela não tivesse entrado, pois, na posição em que estava, a impedia de abrir a janela, mas ela não apenas não entrou, como também recuou e fechou a porta; alguém de fora quase poderia ter pensado que Gregor estava de tocaia e queria mordê-la. Naturalmente Gregor se escondeu de imediato embaixo do canapé, mas precisou esperar até a hora do almoço para que a irmã voltasse, e ela pareceu muito mais inquieta que de costume. Ele percebeu que sua aparência ainda era insuportável para ela, e deveria continuar sendo, e que ela precisava se esforçar imensamente para não sair correndo, mesmo com a visão de apenas uma pequena parte do seu corpo que se projetava por baixo do canapé. E, para poupá-la até mesmo dessa visão, um dia carregou sobre as costas — precisou de quatro horas para essa tarefa — o lençol para cima do canapé e o ajeitou de tal forma que agora ficava totalmente coberto, e a irmã, mesmo quando se

curvava à frente, não conseguiria enxergá-lo. Se o lençol não fosse necessário na opinião dela, ela já poderia tê-lo removido, pois estava bastante claro que não era um prazer para Gregor se isolar de forma tão completa, mas ela deixou o lençol como estava, e Gregor pensou até ter flagrado um olhar agradecido quando certa vez afastou o lençol cuidadosamente com a cabeça para ver como a irmã reagia à nova instalação.



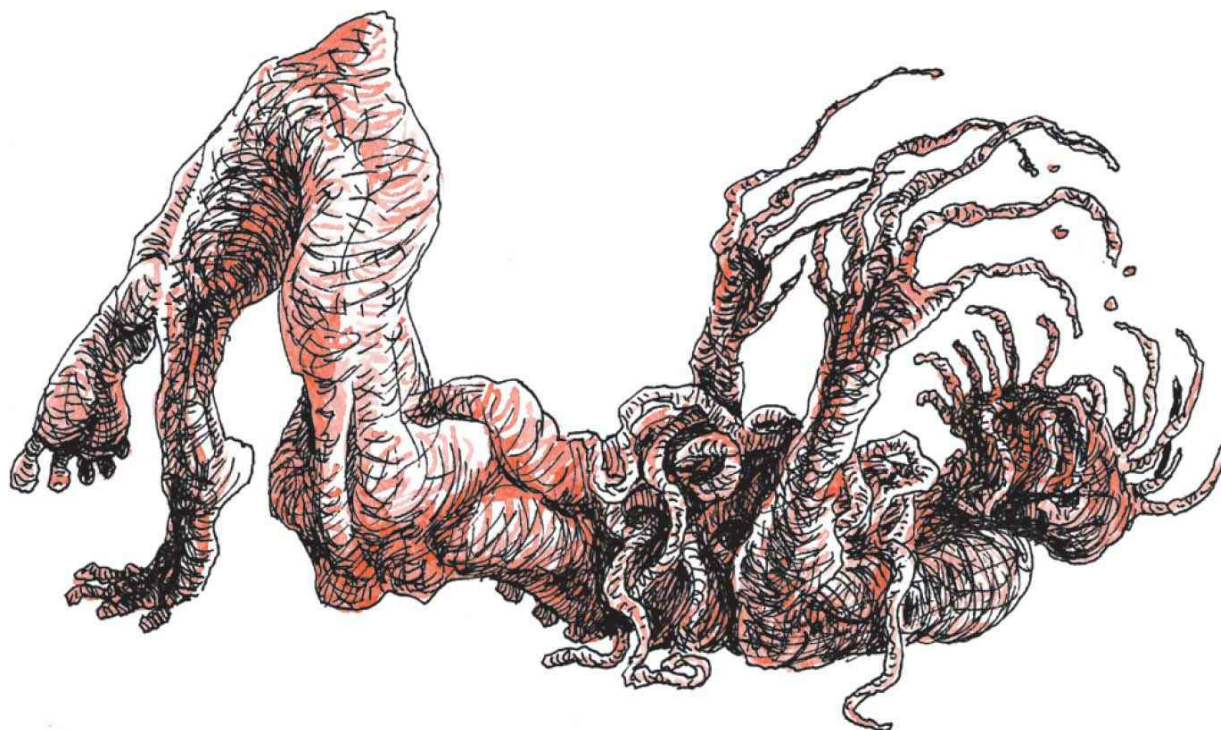
Nos primeiros catorze dias, os pais não foram capazes de ir até ele, e ele ouvia com frequência como os dois reconheciam totalmente o atual trabalho da irmã, embora, até então, não raro ficassem irritados com a garota, que lhes parecia um tanto inútil. Agora, contudo, tanto o pai quanto a mãe aguardavam regularmente diante do quarto de Gregor enquanto a irmã o arrumava, e mal ela saía de lá, precisava contar com total exatidão como estava o quarto, o que Gregor havia comido, como havia se comportado dessa vez e se, talvez, houvera alguma pequena melhora perceptível. A mãe, por sinal, também quis visitá-lo relativamente cedo, mas o pai e a irmã a refrearam no início por motivos racionais, que Gregor ouvira com muita atenção e que endossara completamente.



Mais tarde, no entanto, foi preciso segurá-la com violência, e quando ela então passou a gritar “Me deixem ver Gregor, meu pobre filho! Vocês não percebem que eu preciso vê-lo?”, Gregor pensou que talvez fosse bom a mãe entrar, não todos os dias, obviamente, mas talvez uma vez na semana; ela entendia tudo muito melhor que a irmã, que, apesar de toda a coragem, era apenas uma criança e, no fim das contas, talvez somente tivesse assumido uma tarefa tão árdua em virtude da leviandade infantil.

O desejo de Gregor de ver a mãe logo se realizou. Durante o dia, em consideração pelos pais, Gregor não queria se mostrar à janela, mas também não conseguia rastejar muito nos poucos metros quadrados do assoalho, pois já era difícil suportar ficar deitado quieto durante a noite. A comida logo passou a não lhe proporcionar o mínimo de prazer, e, assim, para se distrair, desenvolveu o costume de rastejar em zigue-zague pelas paredes e pelo teto. Gostava particularmente de pender do teto; era muito diferente de ficar deitado no assoalho, respirava-se com mais liberdade; um leve tremor atravessava o corpo e, na distração quase feliz em que Gregor se encontrava lá em cima, podia acontecer de, para a própria surpresa, ele se soltar e bater com tudo no chão. Porém, claro, tinha um controle totalmente diverso do corpo agora e não se feria mesmo em uma queda tão grande. A irmã logo percebeu o novo entretenimento que Gregor havia encontrado para

si — ele também deixava, aqui e ali, rastros da substância grudenta ao rastejar — e então enfiou na cabeça que precisava possibilitar a Gregor rastejar em uma área maior e que tinha de retirar os móveis que o impediam, principalmente o armário e a escrivaninha. Porém, ela não tinha condições de fazê-lo sozinha; ao pai ela não ousava pedir ajuda; a empregada muito decerto não teria ajudado, pois essa garota, que tinha por volta de dezesseis anos, resistia muito bravamente desde a dispensa da antiga cozinheira, mas havia pedido a gentileza de poder ficar permanentemente trancada na cozinha e precisar abri-la apenas com um chamado específico; assim, não restou outra opção à irmã além de apanhar a mãe quando o pai se ausentava. Com gritos animados de alegria, a mãe se aproximou, mas emudeceu à porta do quarto de Gregor. Primeiro a irmã evidentemente verificou se estava tudo em ordem no quarto; apenas então deixou a mãe entrar. Gregor havia puxado, na maior pressa, o lençol ainda mais para baixo e o deixado ainda mais amarrotado — de forma geral, parecia mesmo apenas um lençol jogado casualmente sobre o canapé. Dessa vez Gregor também evitou espionar por debaixo do lençol; abdicou, assim, de ver a mãe e ficou feliz apenas por ela ter vindo.



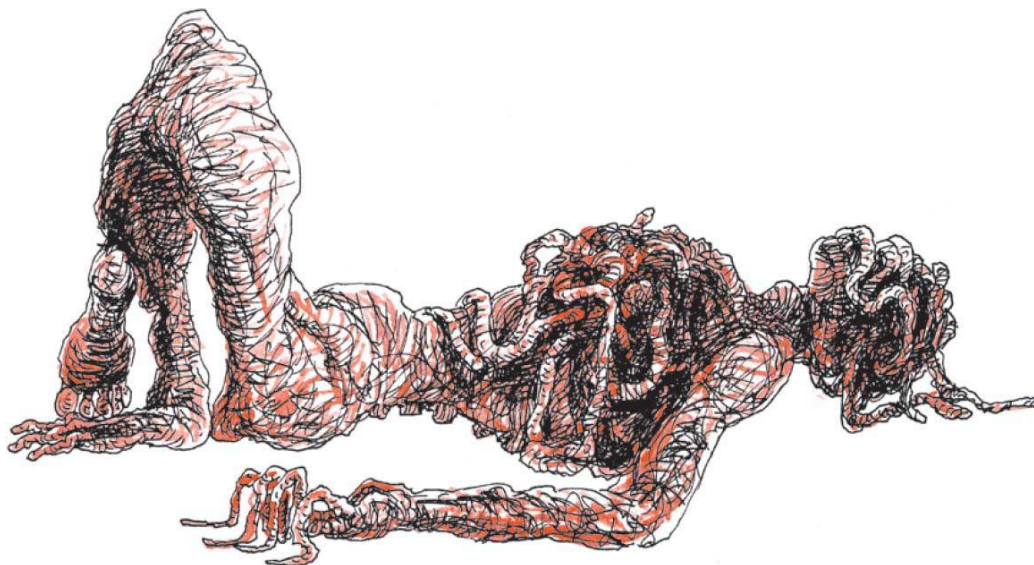
— Venha, não dá para vê-lo — disse a irmã, que, com naturalidade levou a mãe pela mão. Gregor ouviu as duas fracas mulheres tirando do lugar o antigo e pesado armário, a irmã sempre puxando para si a maior parte do trabalho sem ouvir as admoestações da mãe, que temia que ela se esforçasse demais. Aquilo durou muito tempo. Após cerca de quinze minutos de trabalho, a mãe disse que era melhor deixarem o móvel ali, pois, em primeiro lugar, ele era muito pesado, elas não terminariam antes da chegada do pai e, com o móvel no meio do quarto, qualquer caminho de Gregor estaria bloqueado; segundo, não tinham certeza nenhuma de que estavam fazendo um favor a Gregor com a retirada dos móveis. Para ela parecia ser o oposto, a visão da parede vazia lhe oprimia de verdade o coração; e por que Gregor não teria essa mesma sensação? Afinal, já estava acostumado havia muito com os móveis do quarto e, dessa forma, se sentiria abandonado no cômodo vazio.

— E não é como se mostrássemos, pela retirada dos móveis, que desistimos de qualquer esperança de melhora e o deixássemos por conta própria, sem consideração nenhuma? — concluiu a mãe, baixinho, quase aos sussurros, como se quisesse evitar que Gregor, cuja localização exata ela desconhecia, ouvisse até mesmo seu tom de voz, pois ela estava convencida de que ele não compreendia as palavras. — Acho que seria melhor se buscássemos manter o quarto exatamente no estado em que estava antes, para que Gregor, quando voltar para nós, encontre tudo inalterado e possa esquecer com mais facilidade esse meio-tempo.

Ao ouvir essas palavras da mãe, Gregor reconheceu que a falta de qualquer atenção humana direta, unida à vida monótona em meio à família no decorrer desses dois meses, devia ter bagunçado seu juízo, pois de outra maneira não teria conseguido explicar para si mesmo que, depois de tudo, pudesse ter exigido a sério que seu quarto fosse esvaziado. Será que realmente tinha o desejo de transformar o quarto quente, confortavelmente equipado com móveis herdados, em um covil, no qual ele pudesse rastejar com liberdade em todas as direções sem obstáculos, ainda que ao mesmo tempo estivesse também sob o jugo do esquecimento rápido

e completo de seu passado humano? Agora já estava próximo de esquecer, e apenas a voz da mãe, que havia tempo não escutava, o sacudira. Nada devia ser retirado, tudo precisava permanecer, não podia ser privado da influência benéfica dos móveis em seu estado; e se os móveis o impediam de rastejar inutilmente em círculos, não era prejuízo algum, mas sim uma grande vantagem.

Contudo, infelizmente, a irmã era de outra opinião; ela tinha o hábito, ainda que não inteiramente injustificado, de se apresentar como especialista diante dos pais nas conversas sobre as questões relacionadas a Gregor, e assim, também naquele momento, o conselho da mãe foi motivo suficiente para a irmã insistir na retirada não apenas do armário e da escrivaninha, o que era sua ideia no início, mas de todos os móveis, com exceção do indispensável canapé. Claro, não eram apenas a teimosia infantil e a autoconfiança tão inesperada e adquirida a muito custo nos últimos tempos que a conduziam até essa exigência; ela também tinha observado de fato que Gregor precisava de bastante espaço para rastejar, e os móveis, pelo que podia ver, de modo algum eram utilizados. No entanto, é provável que também viesse à tona o espírito entusiasmado de uma garota de sua idade, que busca satisfação em toda oportunidade, e pelo qual Grete se deixou seduzir; ela quis tornar a situação de Gregor ainda mais apavorante para poder realizar por ele ainda mais do que fizera até então. Pois em um quarto no qual Gregor reinasse inteiramente nas paredes vazias, nenhuma pessoa além de Grete jamais teria confiança de entrar.



E assim não se deixou dissuadir pela mãe, que também parecia insegura de tanta inquietação dentro daquele quarto; ela logo se calou e ajudou a irmã, com as forças que tinha, na remoção do armário. Bem, Gregor ainda podia abrir mão do armário em caso de necessidade, mas a escrivanhinha precisava ficar. E mal as mulheres haviam deixado o quarto com o armário, contra o qual se apertavam ofegantes, Gregor pôs a cabeça para fora da proteção do canapé para ver como poderia intervir com cuidado e o máximo de consideração possível. Mas, por azar, foi exatamente a mãe que retornou primeiro, enquanto Grete agarrava o armário no quarto ao lado e o sacudia para lá e para cá sozinha, sem, obviamente, tirá-lo do lugar. A mãe, no entanto, não estava acostumada à visão de Gregor, ele poderia adoecê-la, e assim Gregor se apressou, apavorado, em uma corrida de costas até a outra ponta do canapé, sem conseguir evitar que o lençol à frente se movesse um pouco. Bastou para chamar a atenção da mãe. Ela hesitou, ficou por um momento parada e, em seguida, voltou até Grete.

Apesar de Gregor dizer o tempo todo a si mesmo que nada de extraordinário estava acontecendo, apenas alguns móveis estavam sendo trocados de lugar, logo precisou admitir que aquele zanzar das mulheres para lá e para cá, seus chamados breves e o arrastar dos móveis sobre o assoalho o afetavam como um grande alvoroço alimentado por todos os lados, e ele precisou forçosamente dizer a

si mesmo que, por mais que encolhesse com firmeza a cabeça e as pernas e espremesse o corpo contra o assoalho, não aguentaria muito tempo tudo aquilo. Elas esvaziaram seu quarto, levaram tudo o que lhe era caro, o armário no qual estavam sua serra de arco e outras ferramentas já haviam carregado para fora; agora afrouxavam do chão a escrivaninha firmemente presa, na qual ele havia feito suas tarefas como estudante de comércio, do ginásio, até mesmo da escola primária — não tinha mais tempo de testar as boas intenções das duas mulheres, cuja existência ele, aliás, quase havia esquecido, pois trabalhavam mudas de exaustão, e se ouvia apenas a batida forte de seus pés.

E assim ele irrompeu — as mulheres se apoiavam na escrivaninha nesse momento para tomar um pouco de fôlego no quarto contíguo —, mudou a direção da corrida quatro vezes, não sabia realmente o que deveria salvar primeiro, pois viu na parede, que no mais já restava vazia, a realçada imagem pendurada da dama vestida com peles, rastejou parede acima e se apertou contra o vidro, que o segurou e lhe propiciou uma sensação agradável na barriga quente. Ao menos esse quadro, que Gregor agora cobria por completo, certamente ninguém levaria embora. Ele girou a cabeça na direção da porta da sala de estar para observar as mulheres em seu retorno.

Elas não haviam desfrutado muito do descanso e logo voltaram; Grete havia posto o braço ao redor da mãe e quase a puxava.

— Então, o que levamos agora? — perguntou Grete, olhando ao redor.

Então, seu olhar cruzou com o de Gregor na parede. Provavelmente apenas pela presença da mãe a garota manteve a compostura, abaixou o rosto na direção da mãe para evitar que ela olhasse ao redor e disse, embora de forma trêmula e impensada:

— Venha, seria melhor se voltássemos à sala de estar por um momento. — A intenção de Grete era clara para Gregor, ela queria pôr a mãe em segurança e depois escorraçá-lo da parede. Bem, ela poderia até tentar! Ele estava sobre a imagem e não arredaria dali. Preferiria pular no rosto de Grete.

No entanto, as palavras da garota tinham servido apenas para intranquilizar a mãe, que deu um passo para o lado, avistou a imensa mancha marrom sobre o papel de parede florido e, antes mesmo de realmente tomar consciência de que era Gregor aquilo que via, clamou rouca:

— Ai, meu Deus, meu Deus! — E caiu com os braços estendidos sobre o canapé, como se desistisse de tudo, sem se mover.

— Ah, Gregor! — gritou a irmã, com o punho erguido e olhar penetrante.

Desde a metamorfose, tinham sido as primeiras palavras que ela lhe dirigia diretamente. Ela correu para o quarto contíguo para buscar alguma essência com a qual pudesse despertar a mãe do desmaio; Gregor também quis ajudar — ainda havia tempo para o resgate do quadro —, mas havia grudado com firmeza no vidro e teve de se soltar com violência; então, também correu para o quarto ao lado, como se pudesse dar algum conselho à irmã como outrora; porém, precisou ficar imóvel atrás dela; enquanto ela fuçava em diversos frascos, teve um sobressalto quando se virou; uma garrafa foi ao chão e quebrou, e uma lasca feriu o rosto de Gregor, algum medicamento corrosivo se derramou sobre ele; então, Grete pegou tantos frascos quanto podia carregar sem esperar mais tempo, correu até a mãe e bateu a porta com o pé. Nesse momento, Gregor estava apartado da mãe, que talvez estivesse à beira da morte por sua culpa; ele não poderia abrir a porta se não quisesse espantar a irmã, que precisava ficar com a mãe; ele não tinha outra coisa a fazer senão esperar e, oprimido pelas autoacusações e pela aflição, começou a rastejar. Rastejou sobre tudo, paredes, móveis, teto, e, por fim, em desespero, quando o cômodo inteiro começou a girar ao seu redor, despencou no meio da grande mesa.



Pouco tempo se passou. Gregor jazia enfraquecido ali, ao redor havia silêncio. Talvez isso fosse um bom sinal. Então, tocaram a campainha. A empregada, claro, estava trancada na cozinha, e por isso Grete teria que abrir a porta. O pai havia chegado.

— O que aconteceu? — foram suas primeiras palavras.

A aparência de Grete provavelmente havia entregado tudo. Grete respondeu com voz abafada, por certo havia apertado o rosto contra o peito do pai:

— A mãe desmaiou, mas já está melhor. Gregor fugiu.

— Eu já esperava — disse o pai —, eu sempre disse, mas vocês, mulheres, não querem escutar.

Para Gregor, estava claro que o pai havia interpretado mal a notícia breve demais de Grete e supôs que Gregor tinha culpa por algum ato violento. Por esse motivo, Gregor agora precisava tranquilizar o pai, pois não teria tempo nem possibilidade para elucidá-lo. E assim ele fugiu até a porta de seu quarto e se comprimiu contra ela para que o pai pudesse ver, já na entrada da antessala, que Gregor tivera a melhor das intenções ao voltar de pronto para seu quarto e que não seria necessário enxotá-lo para lá, mas somente precisaria que alguém abrisse a porta, e ele logo desapareceria.

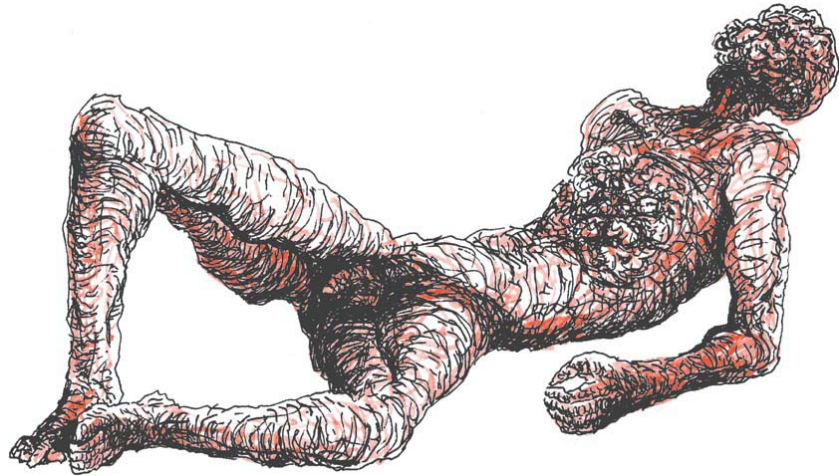
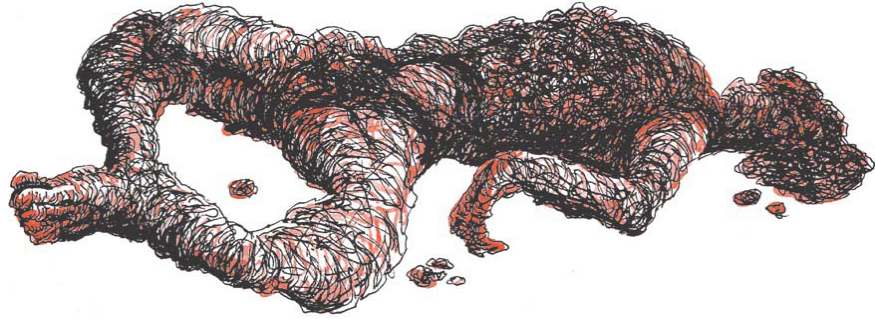
Mas o pai não estava com humor para perceber tais sutilezas.

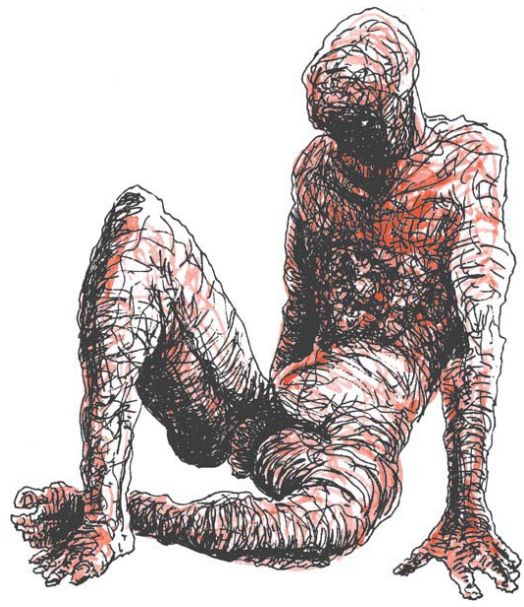
— Ah! — gritou ele, logo na entrada, em um tom que o fazia parecer ao mesmo tempo furioso e contente.

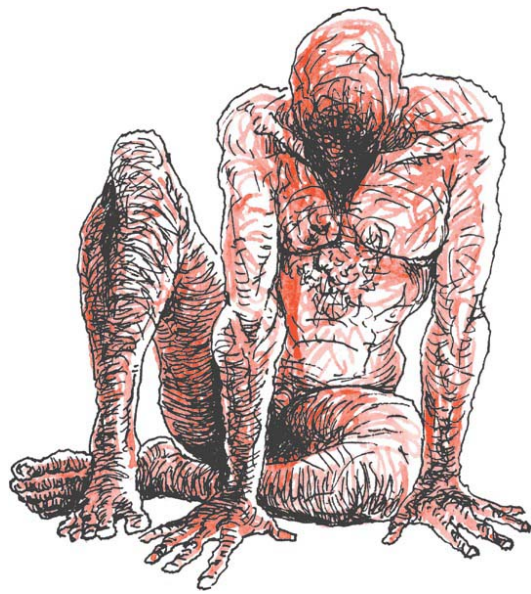
Gregor recuou com a cabeça e a ergueu na direção do pai. Ele realmente não tinha imaginado o pai da maneira como ele estava naquele momento; decerto, por causa das novas formas de rastejar dos últimos tempos, havia deixado de se preocupar como antes com

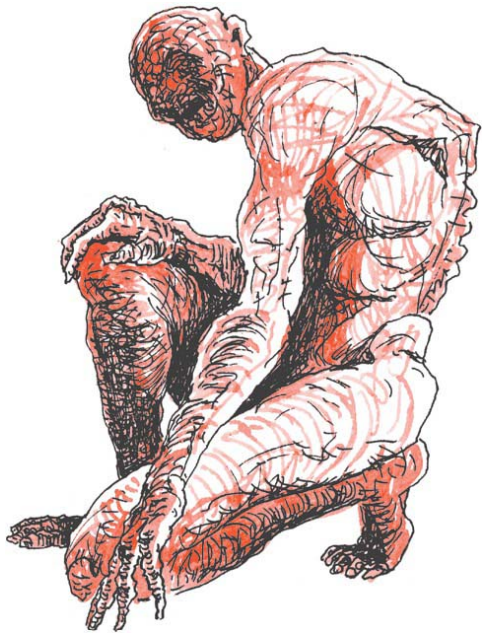
os eventos no restante da casa e realmente deveria ter se preparado para encontrar mudanças nas relações. Mas apesar disso, apesar disso tudo, aquele ainda era seu pai? O mesmo homem que, cansado, ficava enterrado na cama quando Gregor saía em uma viagem de trabalho; que nas noites em que regressava o recebia de roupão na cadeira de braços; que nem sequer tinha condições de se levantar, mas, como sinal de alegria, apenas erguia os braços; que nos raros passeios juntos em alguns domingos no ano e nos feriados mais importantes avançava com esforço, entre Gregor e a mãe — que já caminhavam devagar por si só —, ainda mais lentamente, enrolado em seu velho casaco, apoiado sempre com muito cuidado em sua muleta; e que, quando queria dizer alguma coisa, quase sempre interrompia a caminhada e reunia os acompanhantes em torno de si? Agora, no entanto, ele estava bem empertigado, vestido em um uniforme azul alinhado com botões dourados, como usavam os funcionários dos institutos bancários; sobre o colarinho alto e rígido do casaco emergia seu forte queixo duplo; debaixo das sobranceiras densas, os olhos pretos lançavam olhares enérgicos e atentos; os cabelos brancos, antes desgrenhados, estavam penteados e partidos com uma risca meticulosamente exata e brilhosa. Ele lançou o quepe, no qual havia um monograma dourado, provavelmente de um banco, fazendo-o descrever um arco sobre todo o quarto até cair sobre o canapé, e avançou até Gregor com os lados de seu longo casaco do uniforme atirados para trás, as mãos nos bolsos da calça e o rosto raivoso. Certamente nem ele mesmo sabia o que planejava; de qualquer forma, levantava os pés a uma altura nada habitual, e Gregor se surpreendeu com o tamanho imenso da sola da bota. No entanto, não ficou ali parado. Já sabia, desde os primeiros dias de sua nova vida, que o pai considerava adequado para ele nada menos que o máximo de rigor. E assim correu diante do pai, parando quando ele estacava e se apressando ao mínimo movimento dele. Dessa forma, deram várias voltas pelo quarto sem que nada de decisivo acontecesse, sem que nada daquilo tivesse nem mesmo aparência de perseguição devido ao seu ritmo lento. Por isso, Gregor também permaneceu por um momento no chão, pois temia, sobretudo, que o

pai pudesse considerar uma fuga pelas paredes ou pelo teto algo de uma malignidade excepcional. No entanto, Gregor teve de dizer a si mesmo que não aguentaria por muito tempo aquela corrida, pois, enquanto o pai dava um passo, ele precisava executar uma quantidade imensa de movimentos. A respiração pesada começou a ficar perceptível, afinal, mesmo em outros tempos, já não tinha pulmões totalmente confiáveis. Enquanto oscilava para lá e para cá a fim de reunir todas as forças para a corrida, quase não mantinha os olhos abertos; atordoado, não pensava em outra salvação senão correr; e quase havia se esquecido de que as paredes estavam livres para ele, embora ali estivessem atravancadas por móveis cuidadosamente talhados, cheios de saliências e pontas — foi quando algo passou voando ao lado, lançado de leve, e rolou a sua frente. Era uma maçã; logo uma segunda voou em sua direção. Gregor parou, apavorado; continuar correndo era inútil, pois o pai havia decidido bombardeá-lo. Tinha enchido os bolsos na fruteira sobre o aparador e agora lançava, por ora sem mirar direito, maçã atrás de maçã. Essas pequenas maçãs vermelhas rolavam como que eletrizadas pelo chão e se chocavam umas nas outras. Uma maçã atirada sem força passou de raspão pelas costas de Gregor, e deslizou sem causar dano. Porém, uma que voou na sequência literalmente se cravou em suas costas; Gregor quis continuar rastejando, como se a dor surpreendente e inacreditável pudesse passar com a mudança de local, mas sentia como se estivesse pregado e se estirou em uma confusão completa de todos os sentidos. Somente com um último olhar viu ainda como a porta de seu quarto havia sido escancarada, e, diante da irmã, que estava aos berros, a mãe se precipitar em roupas de baixo, pois a irmã tinha aberto suas roupas para que respirasse livremente enquanto estava desmaiada; e viu como a mãe correu na direção do pai e no caminho as saias desamarradas deslizaram uma após a outra ao chão; e viu como ela, tropeçando nas saias, avançou sobre o pai e o abraçou, em completa união com ele — nesse momento, contudo, a visão de Gregor já falhava —, pedindo, com as mãos envolvendo a nuca do pai, que poupasse a vida de Gregor.



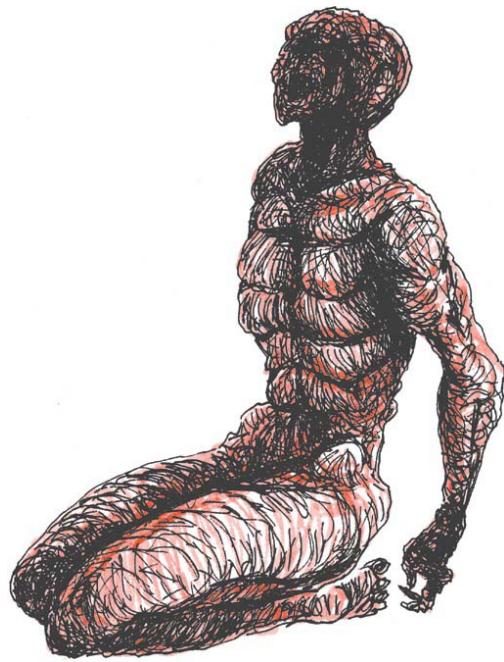


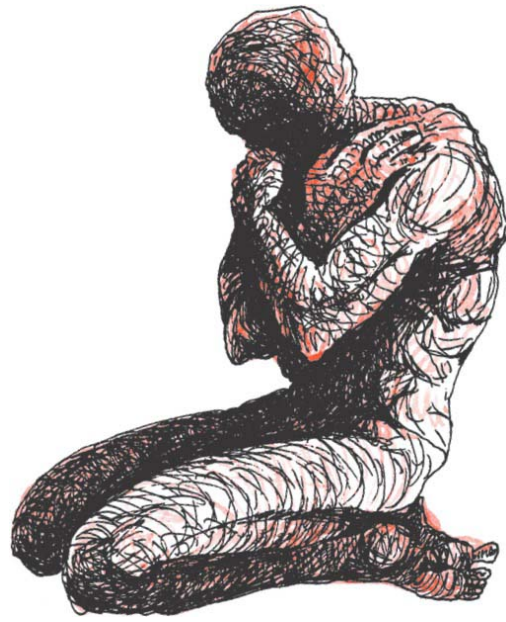












III



O grave ferimento de Gregor, com o qual sofreu por mais de mês — a maçã permaneceu cravada na carne, como uma lembrança visível, pois ninguém ousava tirá-la —, parecia ter recordado ao pai de Gregor que, apesar de sua presente figura triste e repulsiva, ele era um membro da família, que não podia ser tratado como um inimigo, e que diante dele valia o mandamento do dever familiar de engolir a aversão e tolerar, nada mais que tolerar.

E como Gregor, em virtude de sua ferida, também provavelmente havia perdido para sempre um tanto de mobilidade e no momento precisava de muitos, muitos minutos para atravessar seu quarto, como um velho inválido — nem se cogitava rastejar nas alturas —, recebeu por essa piora em seu estado uma compensação totalmente suficiente segundo sua opinião: por volta do anoitecer, a porta da sala de estar, que ele cuidava de observar com atenção já duas horas antes, era aberta, de forma que, deitado na escuridão de seu quarto, invisível da sala de estar, podia ver a família inteira à mesa iluminada e escutar suas conversas, de certa forma com a permissão geral, ou seja, bem diferente do que acontecia antes.

Obviamente não eram mais as conversações animadas de outrora, nas quais Gregor sempre pensava nos pequenos quartos de hotel com certa saudade, quando podia se jogar cansado sobre lençóis e travesseiros úmidos. Agora, era normal haver bastante silêncio. O pai dormia logo depois do jantar em sua poltrona; a mãe e a irmã incutiam uma à outra ao silêncio; a mãe, bastante curvada sobre a luz, cerzia finas roupas de baixo para uma boutique; a irmã, que havia conseguido um emprego como vendedora, à noite estudava estenografia e francês para, quem sabe, um dia conseguir uma posição melhor. Às vezes o pai acordava e, como se não soubesse que havia dormido, dizia à mãe: “Há quanto tempo você já está costurando hoje de novo!”. E logo voltava a dormir, enquanto a mãe e a irmã sorriam uma à outra, cansadas.

Com uma espécie de insistência, o pai se negava a tirar o uniforme de funcionário, mesmo em casa; e enquanto o roupão pendurava-se inútil no gancho do armário, o pai dormia completamente vestido em seu lugar, como se estivesse sempre pronto para o serviço e esperasse também ali pela voz de seu chefe. Por causa disso, o uniforme, que já desde o início não era novo, havia perdido todo o alinhô, apesar de todo o cuidado da mãe e da irmã, e Gregor olhava com frequência por noites inteiras aquela roupa manchada e brilhosa com seus botões dourados sempre lustrados, com a qual o velho dormia extremamente desconfortável, mas ainda assim tranquilo.

Assim que o relógio batia dez horas, a mãe procurava acordar o pai com leves exortações e depois convencê-lo a ir à cama, pois ali não era lugar para dormir adequadamente, e esse sono era extremamente necessário ao pai, pois precisava entrar no trabalho às seis horas. Mas, na pertinácia que o tomara desde que virara funcionário, ele sempre insistia em permanecer por mais um tempo à mesa, apesar de adormecer regularmente, e apenas com o máximo esforço era persuadido a trocar a poltrona pela cama. Então, por mais que a mãe e a irmã o forçassem com pequenas reprimendas, ele sacudia devagar a cabeça durante quinze minutos, mantinha os olhos fechados e não se levantava. A mãe puxava-o pela manga, dizia palavras carinhosas ao ouvido, a irmã deixava

suas tarefas de lado para ajudar a mãe, mas não adiantava. Ele afundava ainda mais em sua poltrona. Apenas quando as mulheres o agarravam por baixo dos braços, ele abria os olhos, encarava alternadamente mãe e irmã e se punha a dizer:

— Esta é a vida. É o descanso de meus dias de velhice.



E, apoiado nas duas mulheres, erguia-se, desajeitado, como se ele mesmo fosse seu maior fardo, deixava-se levar por elas até a porta, dispensava-as com um aceno e seguia sozinho, enquanto rapidamente a mãe soltava seus instrumentos de costura e a irmã, sua caneta, a fim de correrem atrás do pai e continuar a assisti-lo.

Quem nessa família exausta e sobrecarregada tinha tempo para cuidar de Gregor além do absolutamente necessário? O orçamento doméstico ficava cada vez mais curto; a empregada acabou sendo dispensada, uma faxineira imensa e ossuda com cabelos brancos esvoaçantes ao redor da cabeça vinha de manhã e à noite para fazer o trabalho mais pesado; de todo o resto, além dos muitos trabalhos de costura, cuidava a mãe. Aconteceu até mesmo de diversas joias da família, que outrora a mãe e a irmã haviam usado em convescotes e solenidades com extremo júbilo, serem vendidas, como Gregor soube certa noite ao ouvir uma conversa sobre os preços alcançados. Porém, a maior reclamação sempre foi por não poderem deixar o apartamento — grande demais para as condições atuais —, pois era impossível pensar em como Gregor seria removido. Mas Gregor compreendeu que não era apenas por consideração a ele que se evitava tal mudança, afinal, seria possível transportá-lo em uma caixa adequada com alguns furos de

ventilação; o que principalmente impedia a família de mudar de casa era mais a desesperança completa e o pensamento de que haviam sido abatidos por um infortúnio ao qual eram alheios todos no círculo de parentes e conhecidos. O que o mundo exigia dos pobres, eles cumpriam até o extremo; o pai buscava o desjejum para os funcionários menores, a mãe se sacrificava por roupas de baixo de gente estranha, a irmã corria para lá e para cá no balcão segundo a ordem dos clientes, mas as forças da família não iam além disso. E o ferimento nas costas de Gregor voltava a doer quando a mãe e a irmã, depois de terem levado o pai para a cama, retornavam, deixavam o trabalho de lado, aproximavam-se e sentavam de rosto colado; então a mãe, apontando para o quarto de Gregor, dizia: “Feche a porta, Grete”, e Gregor se via de novo na escuridão, enquanto no cômodo ao lado as mulheres misturavam suas lágrimas ou mesmo, sem mais o que chorar, apenas fitavam a mesa.

Gregor passava noites e dias quase completamente sem dormir. Às vezes pensava em assumir de novo, na próxima abertura da porta, os assuntos da família exatamente como antes; em seus pensamentos apareciam de novo, depois de muito tempo, o chefe e o gerente, os caixeiros e os aprendizes, o contínuo tão lerdo, dois ou três amigos de outras empresas, uma camareira de certo hotel na província, uma lembrança querida e fugidia, uma caixa de determinada loja de chapéus que ele havia cortejado a sério, mas com extremo vagar — todos apareciam entremeados com estranhos ou gente já esquecida, mas, em vez de ajudar Gregor e a família dele, estavam todos inacessíveis, e ele ficava feliz quando desapareciam. Então, perdia o ânimo de cuidar de sua família, simplesmente se enchia da raiva pelos maus-tratos e, apesar de não conseguir imaginar nada que lhe gerasse apetite, fazia planos sobre como poderia chegar à despensa para lá pegar o que lhe era devido, mesmo que não tivesse fome alguma. Sem mais pensar naquilo que poderia agradar a Gregor em particular, a irmã, antes de correr de manhã e à tarde para a loja, empurrava com o pé, da forma mais apressada, qualquer comida para dentro do quarto de Gregor, para à noite, não importando se ele havia talvez gostado da

comida ou — como era mais frequente — a tivesse deixado totalmente intocada, puxá-la para fora com um arrastar de vassoura. A arrumação do quarto, da qual ela cuidava agora apenas à noite, não podia ser feita com mais rapidez. Faixas de sujeira corriam pelas paredes, aqui e ali havia emaranhados de pó e lixo. No início, assim que a irmã chegava, Gregor se punha em cantos que indicavam a imundície para, de alguma forma, com isso, repreendê-la. Mas ele poderia permanecer ali por semanas inteiras sem que a irmã melhorasse: assim como ele, ela também via a sujeira, mas tinha decidido deixá-la ali. Ao mesmo tempo, demonstrando uma suscetibilidade totalmente nova e que havia tomado conta da família inteira, ela cuidava para que a arrumação do quarto de Gregor ficasse somente a seu cargo. Certa vez, a mãe empreendeu uma grande limpeza no quarto, e só pôde fazê-la com o uso de alguns baldes de água — tanta umidade também molestou Gregor, e ele permaneceu escarrapachado, amargurado e imóvel sobre o canapé —, mas o castigo para a mãe foi inevitável. Mal a irmã percebera a mudança no quarto de Gregor, extremamente ofendida, entrou na sala de estar e, apesar das mãos erguidas e suplicantes da mãe, irrompeu em um acesso de choro que os pais — o pai, obviamente, teve um sobressalto em sua poltrona — a princípio observaram surpresos e impotentes; até que também começaram a se agitar; o pai, à direita, acusava a mãe de não deixar a limpeza do quarto para a irmã; à esquerda, por sua vez, dizia aos berros à irmã que ela nunca mais voltaria a limpar o quarto de Gregor; enquanto a mãe tentava arrastar o pai, que estava fora de si de tanta agitação, para o quarto, a irmã, aos soluços, batia com os pequenos punhos sobre a mesa; e Gregor, tomado pela raiva, sibilava alto, pois não ocorrera a ninguém fechar a porta para poupá-lo dessa visão e desse escândalo.



Mas, mesmo que a irmã, exausta com seu trabalho, estivesse farta de cuidar de Gregor como antes, a mãe não precisava, de modo algum, ficar no lugar dela, e Gregor não precisava ser negligenciado. Pois agora havia a faxineira lá. Essa velha viúva que, em sua longa vida, com ajuda de sua forte compleição ossuda, devia ter superado coisas piores, não tinha nenhuma aversão a Gregor. Sem ser de forma alguma curiosa, certa vez ela por acaso abriu a porta do quarto de Gregor e estacou admirada, com as mãos sobre o colo, à visão dele, que, totalmente surpreso, apesar de ninguém o perseguir, começou a correr de um lado para o outro. Desde então ela não se furtava, sempre de forma fugidia, de abrir um pouco a porta de manhã e à noite e observar Gregor. No início,

ela o chamava também para si com palavras que provavelmente ela considerava amigáveis, como “Venha cá, velho bicho nojento!” ou “Vejam só o velho bicho nojento!”. Gregor não respondia a esses chamados, permanecia imóvel em seu lugar, como se a porta não tivesse sido aberta. Se ao menos tivessem dado a ordem a essa faxineira para limpar diariamente seu quarto em vez de perturbá-lo inutilmente como bem entendesse! Certa vez, bem cedo — uma chuva forte, talvez um sinal da primavera que estava por vir, batia nos vidros —, quando a faxineira recomeçou com seus dizeres, Gregor estava tão amargo que, mesmo que de forma lenta e frágil, voltou-se contra ela, como que para atacá-la. Porém, a faxineira, em vez de se apavorar, simplesmente ergueu uma cadeira que se encontrava perto da porta; uma vez parada com a boca arreganhada, ficou clara sua intenção de fechar a boca apenas quando a cadeira em sua mão despencasse sobre as costas de Gregor.

— Então, não vai continuar? — perguntou e, quando Gregor se virou de novo, ela devolveu a cadeira ao canto.



Gregor já não comia quase mais nada. Somente quando por acaso passava pela refeição preparada, mordida um pouco por diversão, conservava-a ali na boca por horas e cuspiu depois a maior parte. Primeiro pensou ser a tristeza pelo estado de seu quarto o que o impedia de comer, mas foi exatamente com as alterações do quarto que ele se reconciliou mais rápido. Havia se

acostumado a deixar naquele cômodo coisas que não podiam colocar em outro lugar, e existiam muitas dessas coisas, pois um quarto do apartamento fora alugado a três inquilinos. Esses três senhores sérios — todos os três tinham barba cheia, como Gregor verificou certa vez por uma fresta na porta — eram escrupulosamente ordeiros não apenas em seu quarto, mas, desde que haviam se mudado para lá, também eram cuidadosos com toda a residência, em especial com a cozinha. Não suportavam inutilidades nem muito menos tranqueiras sujas. Além disso, haviam trazido grande parte do próprio mobiliário. Por esse motivo, muitas coisas que não eram vendáveis se tornaram supérfluas, mas ninguém queria jogá-las fora. Tudo isso acabava no quarto de Gregor. Até mesmo a lata de cinzas e a lata de lixo da cozinha. O que no momento não se usava, a faxineira, que sempre tinha muita pressa, simplesmente jogava no quarto de Gregor, que felizmente olhava, na maioria das vezes, apenas o tal objeto e a mão que o segurava. A faxineira talvez tivesse a intenção de buscar as coisas quando houvesse tempo e oportunidade ou jogar fora tudo de uma vez; mas, na realidade, elas simplesmente permaneciam lá onde haviam sido jogadas, a não ser quando Gregor empurrava as tralhas e as colocava em movimento, a princípio forçosamente, pois não havia mais espaço livre para rastejar, mas depois também com prazer cada vez maior, mesmo que, após essas dessas perambulações, ele ficasse imóvel por horas, morto de cansaço e de tristeza.

Como os inquilinos às vezes jantavam em casa na sala de estar comum, a porta permanecia fechada em muitas noites, mas Gregor havia abdicado sem muita resistência da porta aberta, pois, mesmo em muitas noites nas quais ela ficava aberta, ele não havia se aproveitado disso, e sim tinha ficado, sem que a família percebesse, no canto mais escuro de seu quarto. Certa vez, contudo, a faxineira deixou a porta da sala de estar um pouco aberta, e ela ficou assim, inclusive quando os inquilinos entraram à noite e ligaram a luz. Sentaram-se à ponta da mesa, onde outrora se sentavam o pai, a mãe e Gregor, desdobraram os guardanapos e pegaram faca e garfo. Imediatamente apareceram à porta a mãe com uma travessa

de carne e logo atrás dela a irmã com outra travessa com uma pilha alta de batatas. Da comida subia um forte vapor. Os inquilinos inclinaram-se sobre as travessas postas diante deles, como se quisessem verificar seu conteúdo antes de comer, e de fato aquele que estava sentado no meio e parecia agir como autoridade perante os outros dois cortou um pedaço de carne ainda na travessa, claramente para verificar se estava macia o suficiente e se não deveria, por acaso, ser enviada de volta à cozinha. Ele ficou satisfeito, e a mãe e a irmã, que observavam tensas, sorriram, suspirando aliviadas.

A família, em si, comia na cozinha. Apesar disso, o pai, antes de ir à cozinha, entrava na sala e, com um único meneio de cabeça e quepe em mãos, dava a volta na mesa. Os inquilinos levantavam-se juntos e murmuravam algo dentro das barbas. Quando ficavam sozinhos, comiam quase em um silêncio completo. Parecia estranho a Gregor que sempre se ouvissem, em meio a uma multiplicidade de ruídos do ato de comer, seus dentes mastigando, como se com isso tivessem que mostrar a Gregor que dentes eram necessários para comer e que não se podia fazer nada com belas mandíbulas desdentadas. “Eu tenho apetite”, dizia Gregor a si mesmo, todo preocupado, “mas não por essas coisas. Como se alimentam esses inquilinos, enquanto eu estou morrendo!”.

Exatamente naquela noite — Gregor não se lembrava de ter ouvido o violino durante todo esse tempo —, o som do instrumento veio da cozinha. Os inquilinos já haviam terminado a refeição, o do meio havia puxado um jornal, dado uma folha a cada um dos outros dois, e então leram recostados e fumaram. Quando o violino começou a tocar, eles prestaram atenção, ergueram-se e foram na ponta dos pés até a antessala, onde pararam espremidos uns contra os outros. Deviam tê-los ouvido da cozinha, pois o pai gritou:

— Por acaso a música desagrada aos senhores? Pode-se parar imediatamente.

— Pelo contrário — disse o senhor do meio —, a senhorita não gostaria de se juntar a nós e tocar aqui na sala, onde é muito mais confortável e aconchegante?

— Ah, certamente — exclamou o pai, como se fosse ele o violinista. Os senhores voltaram à sala e esperaram. Logo vieram o pai com a estante de partituras, a mãe com as partituras e a irmã com o violino. A irmã preparou tudo calmamente para tocar; os pais, que nunca antes haviam alugado quartos e, por isso, exageravam na cordialidade para com os inquilinos, nem sequer ousavam se sentar nas próprias cadeiras; o pai recostou-se à porta, a mão direita enfiada entre dois botões do casaco do uniforme; a mãe, no entanto, aceitou uma cadeira oferecida por um dos senhores e sentou-se lá, apartada num canto, onde o senhor por acaso havia deixado a cadeira.



A irmã começou a tocar; pai e mãe acompanhavam com atenção, cada um de seu lado, os movimentos da mão da filha. Gregor, atraído pela música, ousou avançar um pouco e já estava com a cabeça na sala de estar. Ele nem se surpreendia que nos últimos tempos tivesse os outros em tão pouca conta; antes essa consideração tinha sido seu orgulho. E justamente por isso agora ele teria tido motivo para se esconder, pois, por causa do pó que se depositava em todos os cantos de seu quarto e que voava ao menor movimento, ele também estava coberto de poeira; arrastava consigo nas costas e nas laterais fios, cabelos, restos de comida; sua indiferença diante de tudo era grande demais para que ele tivesse se deitado de costas e se esfregado no tapete, tal como fizera outrora várias vezes durante o dia. E, apesar de seu estado, não

teve vergonha de avançar um tanto sobre o assoalho imaculado da sala de estar.

No entanto, ninguém prestava atenção nele. A família estava totalmente absorta pelo violino; os inquilinos, por outro lado, que inicialmente se puseram, com as mãos nos bolsos, perto demais da irmã, atrás da estante da partitura, a fim de que pudessem vê-la — o que devia certamente perturbar a irmã —, logo recuaram para a janela, onde ficaram conversando de cabeça baixa ao pé do ouvido, observados com ansiedade pelo pai. Realmente era mais do que óbvio que estavam decepcionados em sua expectativa de ouvir uma música de violino bela ou divertida, que estavam fartos da apresentação e apenas por educação permitiam que seu sossego fosse perturbado. Particularmente o jeito como sopravam para cima a fumaça dos charutos, pelo nariz e pela boca, revelava grande nervosismo. E, ainda assim, era tão bonito como a irmã tocava! Seu rosto ficava inclinado para o lado, seus olhares seguiam as linhas da partitura com tristeza e atenção profunda. Gregor rastejou um pouco mais adiante e manteve a cabeça colada ao assoalho para ver se avistava os olhares dela. Seria ele um animal, considerando que a música o emocionava tanto? Era como se o caminho até o alimento desejado e desconhecido se abrisse perante ele. Decidiu avançar até a irmã, puxá-la pelas saias e indicar para ela que poderia ir a seu quarto com o violino, pois ninguém ali dava valor à música como ele queria dar. Não queria mais deixar que ela saísse de seu quarto, ao menos não enquanto ele vivesse; sua figura assustadora lhe deveria ser útil pela primeira vez; queria estar em todas as portas de seu quarto ao mesmo tempo e bufar na cara dos agressores; no entanto, a irmã não deveria ser obrigada, mas sim ficaria com ele por livre e espontânea vontade; ia se sentar ao lado dele no canapé, lhe inclinaria o ouvido, e ele lhe confiaria que tivera a intenção firme de enviá-la ao conservatório e que teria anunciado a todos no último Natal, se nesse meio-tempo o infortúnio não tivesse acontecido — o Natal já tinha mesmo passado? —, sem se preocupar com qualquer contestação. Depois dessa explicação, a irmã irromperia em lágrimas de emoção, e Gregor se ergueria até seus ombros e lhe

beijaria o pescoço, que, desde que começara na loja, mantinha sem fita ou colarinho.

— Senhor Samsa! — gritou o homem do meio ao pai e, sem gastar mais uma palavra, apontou com o indicador para Gregor, que avançava devagar. O violino emudeceu, o inquilino do meio primeiro sorriu, sacudindo a cabeça aos amigos, e olhou de volta para Gregor. O pai parecia considerar mais premente acalmar os inquilinos em vez de enxotar Gregor, ainda que não estivessem nem um pouco agitados e que Gregor parecesse entretê-los mais que o violino. O pai correu até eles e tentou, de braços abertos, empurrá-los até seu quarto e, ao mesmo tempo, tampar com o corpo a visão que tinham de Gregor. Os inquilinos, de fato, ficaram um pouco irritados, não se sabia mais se por causa do comportamento do pai ou se porque agora despontava a compreensão de que tinham um vizinho de quarto como Gregor. Exigiram explicações do pai, ergueram por sua vez os braços, cofiaram com agitação a barba e apenas com vagar recuaram para o quarto. Nesse meio-tempo, a irmã havia superado a desorientação na qual caíra após a apresentação subitamente interrompida; depois de manter o violino e o arco nas mãos frouxas e continuar olhando a partitura como se ainda tocasse, havia se recomposto de uma vez; deixara o instrumento no colo da mãe, que estava sentada em sua cadeira com dificuldade para respirar, com os pulmões trabalhando pesadamente, e correrá até o quarto contíguo, do qual os inquilinos se aproximavam, agora mais rápidos, sob coação do pai. Via-se como, pelas mãos treinadas da irmã, os cobertores e travesseiros voavam alto para a cama e se ordenavam. Ainda antes que os senhores chegassem ao quarto, ela já estava com as camas prontas e havia se esgueirado para fora. O pai parecia tão tomado por sua pertinácia que esqueceu todo o respeito que prestava a seus inquilinos até então. Apenas empurrava e empurrava, até que, já à porta do quarto, o senhor do meio bateu com tudo o pé no assoalho e fez o pai parar.



— Doravante declaro que — disse o homem, erguendo a mão e buscando o olhar tanto da mãe quanto da irmã —, considerando as condições repulsivas dominantes nesta casa e nesta família — aqui ele cuspiu rápida e decididamente no chão —, rescindo imediatamente a locação de meu quarto. Obviamente não pagarei nem o mínimo pelos dias que aqui vivi. Ao contrário, ainda terei de refletir se não exigirei do senhor alguma compensação que, acredite em mim, será muito fácil de fundamentar.

Ele se calou e olhou adiante, como se esperasse alguma coisa. Na realidade, seus dois amigos em seguida tomaram a palavra:

— Nós também rescindimos a locação imediatamente.

Com isso, ele agarrou a maçaneta com estrépito e fechou a porta.

O pai cambaleou até sua cadeira, tateando, e se deixou despençar; parecia esticar o corpo para sua soneca noturna habitual, mas o menear forte de sua cabeça, que parecia desorientada, mostrava que de forma alguma dormia. Gregor ficou parado o tempo todo no lugar onde os inquilinos o flagraram. A decepção pelo fracasso de seu plano, e possivelmente também a fraqueza causada por tanta fome, impossibilitavam que ele se movesse. Ele temia, com certa convicção, um colapso descarregado de forma generalizada sobre ele nos próximos momentos e, então, esperou. Nem mesmo lhe causou sobressalto o violino, que, sob os dedos trêmulos da mãe, caiu de seu colo e soltou um tom reverberante.

— Queridos pais — disse a irmã e, à guisa de introdução, bateu com a mão sobre a mesa —, assim não dá para continuar. Se por acaso não compreenderam, eu compreendo. Não quero dizer o nome do meu irmão na frente desse monstro e, por isso, eu digo: precisamos dar um jeito de nos livrarmos dele. Tentamos o que é humanamente possível para cuidar dele e aguentá-lo; acredito que ninguém poderá levantar contra nós nem mesmo uma ínfima acusação.

— Ela tem mil vezes razão — disse o pai para si mesmo.

A mãe, que ainda não conseguia respirar direito, começou a tossir, com a mão estendida para abafar o barulho e a expressão enlouquecida nos olhos.

A irmã correu até a mãe para apoiar sua testa. O pai, que parecia ter sido levado pelas palavras da irmã a pensamentos mais seguros, havia se sentado de um jeito mais ereto, brincava com seu quepe de funcionário entre os pratos do jantar dos inquilinos, ainda dispostos sobre a mesa, e de vez em quando olhava Gregor, que estava imóvel.

— Precisamos tentar nos livrar disso — disse a irmã, agora exclusivamente ao pai, pois a mãe, em seu acesso de tosse, não ouvia nada —, isso ainda vai matar vocês, é o que vejo. Quando se precisa trabalhar tão duro quanto nós todos, não é possível ainda aguentar em casa esse tormento eterno. Eu não suporto mais. — E ela irrompeu em choro com tanta violência que as lágrimas escorriam sobre o rosto da mãe, que as limpava com movimentos mecânicos.

— Filha — disse o pai compassivo e com notável compreensão —, o que deveríamos fazer, então?



A irmã apenas deu de ombros como sinal da perplexidade que a tomara durante o choro, em contraposição à segurança de antes.

— Se ele nos entendesse — disse o pai, quase em tom de pergunta; em meio ao seu choro, a irmã sacudiu com força a mão para mostrar que aquilo era impensável. — Se ele nos entendesse — repetiu o pai e absorveu a convicção da irmã quanto a essa impossibilidade com um fechar de olhos —, talvez fosse possível chegar a um acordo com ele. Mas desse jeito...

— É preciso que suma — clamou a irmã —, é o único meio, pai. Você precisa simplesmente se livrar do pensamento de que isso é Gregor. Nosso verdadeiro infortúnio foi termos pensado assim por tanto tempo. Mas como isso pode ser Gregor? Se fosse Gregor, já teria entendido há muito que a convivência de pessoas com um animal desses não é possível e teria partido por vontade própria. Então, não teríamos irmão, mas poderíamos tocar a vida e honrar sua memória. Mas, desse jeito, esse bicho nos persegue, expulsa os inquilinos, decerto quer tomar o apartamento todo e nos deixar passar a noite na rua. Veja só, pai — gritou ela de repente —, ele já começou de novo!

E em um sobressalto de todo incompreensível para Gregor, a irmã abandonou até mesmo a mãe, saltando da cadeira, como se preferisse sacrificar a mãe a ficar perto de Gregor, e correu para trás do pai, que, agitado apenas pelo comportamento dela, também se levantou e ergueu os braços até meia altura, como se para proteger a irmã.

Mas Gregor não tinha sequer pensado em causar medo a ninguém, muito menos à irmã. Ele só tinha começado a se virar para voltar ao quarto e, contudo, chamara atenção, pois, em decorrência de seu estado adoentado, precisava fazer o difícil giro com a cabeça, que erguia e batia contra o assoalho várias vezes. Ele parou e olhou ao redor. Sua boa intenção parecia ter sido reconhecida; tinha sido apenas um susto momentâneo. Agora, todos o olhavam, calados e tristes. A mãe estendia-se na cadeira, as pernas esticadas e apertadas uma contra a outra, os olhos quase fechados pela exaustão; o pai e a irmã estavam sentados um ao lado do outro, a irmã com a mão ao redor do pescoço do pai.

“Agora talvez eu possa me virar”, pensou Gregor, e recomeçou seu trabalho. Não conseguia reprimir o resfolegar do esforço e de vez em quando precisava descansar. De resto, ninguém o pressionava, fora deixado à própria sorte. Quando terminou a manobra, começou imediatamente a retornar em linha reta. Ficou surpreso com a grande distância que o separava de seu quarto e não compreendeu como, em sua fraqueza, tinha percorrido pouco tempo antes o mesmo caminho quase sem se dar conta. Sempre preocupado em rastejar ligeiro, mal atentou ao fato de que nenhuma palavra, nenhum chamado de sua família, o perturbava. Apenas quando já estava à porta, ele virou a cabeça, não totalmente, pois sentiu o pescoço endurecendo, mas mesmo assim ainda viu que atrás dele nada havia mudado, apenas a irmã havia se levantado. Seu último olhar pairou sobre a mãe, que agora havia adormecido por completo.

Mal havia entrado no quarto quando a porta foi batida com bastante pressa, fechada firmemente e trancada. Gregor teve tamanho sobressalto com o ruído repentino que suas perninhas cederam. Tinha sido a irmã a se apressar dessa forma. Ela já havia ficado em pé e estava esperando, saltou adiante com passadas leves, Gregor nem a ouviu chegar, e gritou um “finalmente!” aos pais enquanto girava a chave na fechadura.

“E agora?”, perguntou-se Gregor, olhando ao redor. Logo descobriu que não conseguia mais se mover. Não se surpreendeu, antes lhe pareceu uma anormalidade que tivesse podido de fato

caminhar até agora com aquelas perninhas finas. No mais, sentiu-se relativamente bem. O corpo inteiro lhe doía, mas para ele era como se as dores fossem ficar aos poucos mais e mais fracas, até por fim desaparecerem por completo. Mal sentia a maçã apodrecida em suas costas e o entorno inflamado, totalmente encoberto por uma camada fofa de poeira. Recordava-se da família com afeição e amor. A sua opinião de que precisava desaparecer talvez fosse ainda mais decisiva do que a da irmã. Permaneceu em seu estado de meditação vazia e pacífica até o relógio da torre bater três horas da manhã. Ainda presenciou o início do clarear geral lá fora pela janela. Então, sua cabeça se afundou sem que fosse de sua vontade, e das ventas correu seu último e fraco suspiro.



Quando a faxineira chegou bem cedo — batendo com força e pressa todas as portas, o que já lhe haviam pedido várias vezes para evitar, de tal forma que não era mais possível ter um sono tranquilo depois de sua chegada —, num primeiro momento não encontrou nada de especial em sua curta e habitual visita a Gregor. Pensou que ele estava deitado daquele jeito, tão imóvel, de propósito, e que se fazia de ofendido; ela lhe dava razão de todas as formas possíveis. Por acaso estava com a longa vassoura na mão e, da porta, tentou com ela fazer cócegas em Gregor. Como não obteve sucesso, ficou nervosa, empurrou Gregor um pouco e, apenas quando o moveu de seu lugar sem qualquer resistência, foi que prestou atenção. Ao perceber a situação, arregalou os olhos,

assobiou, mas não permaneceu ali por muito tempo, abrindo com tudo a porta do quarto e gritando com voz alta para a escuridão:

— Vejam só uma coisa, senhores, ele bateu as botas; está lá caído, bateu as botas para valer!

O casal Samsa estava sentado no leito conjugal, ereto, e os dois tiveram que superar o sobressalto com a faxineira antes de compreender o que ela lhes comunicava. Mas então o senhor e a senhora Samsa se levantaram rapidamente da cama, cada um de seu lado, o senhor Samsa jogou o cobertor sobre os ombros, a senhora Samsa saiu apenas de camisola; dessa forma, entraram no quarto de Gregor. Nesse meio-tempo, a porta da sala de estar, onde Grete estava dormindo desde a chegada dos inquilinos, também se abriu; ela estava totalmente vestida, como se não tivesse dormido nada, e seu rosto pálido, inclusive, parecia comprovar isso.

— Morto? — disse a senhora Samsa, olhando para a faxineira com ares interrogativos, ainda que pudesse ela mesma verificar e até mesmo reconhecer sem verificação.

— É o que quero dizer — respondeu a faxineira e, como comprovação, empurrou o cadáver de Gregor com a vassoura mais um bom tanto para o lado. A senhora Samsa fez um movimento como se quisesse impedir a vassoura, mas não o fez.

— Bem — disse o senhor Samsa —, agora podemos agradecer a Deus. — Ele fez o sinal da cruz, e as três mulheres seguiram seu exemplo.

Grete, que não tirava os olhos do cadáver, disse:

— Vejam só como estava esquelético. Também, já fazia tanto tempo que não comia nada. Do jeito que entrava, a comida saía.

De fato, o corpo de Gregor estava totalmente achatado e seco, apenas agora se reconhecia isso, pois não estava mais erguido pelas perninhas e também nada mais havia para desviar o olhar.

— Grete, entre um instantinho aqui conosco — disse a senhora Samsa, com um sorriso melancólico, e Grete, não sem olhar o cadáver lá atrás, seguiu os pais até o quarto.

A faxineira fechou a porta e abriu a janela totalmente. Ainda que fosse tão cedo, a mornidão já se misturava ao ar fresco. No fim das contas, já era fim de março.

Os três inquilinos saíram do quarto e, surpresos, olharam ao redor, procurando o café da manhã; tinham se esquecido deles.

— Onde está o café da manhã? — perguntou zangado o homem do meio à faxineira.

Esta, porém, ergueu o dedo sobre a boca e acenou, frenética e calada, aos senhores para que fossem ao quarto de Gregor. Assim foram e, com as mãos nos bolsos de seus casacos um tanto gastos, pararam em volta do cadáver de Gregor no quarto já totalmente iluminado.

Então, a porta do quarto se abriu, e o senhor Samsa apareceu em sua farda, a esposa em um braço, a filha no outro. Todos traziam o semblante de quem tinha chorado um pouco; Grete às vezes pressionava o rosto contra o braço do pai.

— Saiam da minha casa agora! — disse o senhor Samsa, apontando a porta sem largar das mulheres.

— O que o senhor quer dizer com isso? — questionou o homem do meio, um tanto atordoado, e sorriu com doçura. Os dois outros mantiveram as mãos às costas e as esfregavam sem parar, como se na espera alegre de uma grande briga que, no entanto, devia favorecê-los.

— Foi isso mesmo o que eu disse — respondeu o senhor Samsa, que, então, seguiu em linha reta com suas duas acompanhantes até o quarto do inquilino. Este primeiro ficou parado e calado, olhando para o chão, como se as coisas se reordenassem em sua cabeça.



— Ora, então nós vamos embora — disse ele, olhando para o senhor Samsa, como se, em um surto repentino de humildade, pedisse até mesmo uma nova permissão para tal decisão.

O senhor Samsa apenas meneou a cabeça várias vezes com olhos arregalados. Assim sendo, o inquilino de fato avançou a passos largos até a antessala; os dois amigos já estavam escutando havia um tempinho com mãos calmas e seguiram o outro aos saltinhos, como se temessem que o senhor Samsa se pusesse diante deles na antessala e perturbasse a ligação com seu líder. Na antessala, todos os três pegaram os chapéus do cabideiro, puxaram suas bengalas do porta-bengalas, curvaram-se mudos e saíram do apartamento. Em uma desconfiança que se demonstrou totalmente infundada, o senhor Samsa foi até o vestíbulo com as duas mulheres; curvados sobre o corrimão, viram como os três senhores desciam devagar, mas sem se deter, a longa escada, desapareciam em cada andar em certa curva da escadaria e ressurgiam logo depois de alguns momentos; quanto mais abaixo estavam, mais interesse a família Samsa perdia por eles, e quando um rapaz do açougue parou diante deles com a encomenda na cabeça e postura orgulhosa, logo o senhor Samsa se afastou do corrimão com as mulheres, e todos voltaram, como se aliviados, para o apartamento.

Decidiram usar aquele dia para descansar e passear; não apenas mereciam essa interrupção no trabalho, como sem dúvida necessitavam dela. E assim se puseram à mesa e escreveram três cartas de desculpas: o senhor Samsa à direção do banco, a senhora Samsa ao empregador e Grete ao dono da loja. Enquanto escreviam, a faxineira entrou para dizer que estava indo embora, pois seu trabalho matutino havia terminado. De início, os três apenas menearam a cabeça, sem olhar para a frente; somente quando a faxineira não deu sinal de que se afastaria logo, eles olharam irritados.

— Então? — perguntou o senhor Samsa.

A faxineira estava à porta, sorrindo, como se tivesse uma grande notícia a anunciar à família, mas só fazia se questionada em detalhes. A pena de pavão quase reta em seu chapéu, com a qual o

senhor Samsa já se irritara durante todo o seu tempo de serviço, balançava levemente em todas as direções.

— O que deseja? — perguntou a senhora Samsa, por quem a faxineira tinha ainda o máximo respeito.

— Bem — respondeu a faxineira, que não conseguiu falar de pronto diante do sorriso amigável —, a senhora não precisa fazer caso de como jogar fora aquele negócio que fica no quarto ao lado. Já está em ordem.

A senhora Samsa e Grete curvaram-se sobre as cartas, como se quisessem continuar a escrever; o senhor Samsa, que percebeu que a faxineira tinha a intenção de começar a descrever tudo em minúcias, impediu-a de modo firme com a mão estendida. Como não pôde contar, a mulher se lembrou da grande pressa que tinha, gritando, obviamente ofendida:



— Adeus a todos.

Virou-se com fúria e saiu do apartamento com uma batida estrondosa de porta.

— Hoje à noite ela será dispensada — disse o senhor Samsa, mas não recebeu resposta nem da mulher tampouco da filha, pois a faxineira parecia ter perturbado a paz que mal haviam recuperado.

Elas se levantaram, foram até a janela e lá ficaram, mantendo-se abraçadas. O senhor Samsa virou-se para elas de sua cadeira e as observou em silêncio por um instante. Então, disse em voz alta:

— Ora, venham até aqui. Deixem para trás de uma vez por todas o que passou. E tenham um pouco de consideração por mim.

Logo as mulheres seguiram suas palavras, correram para ele, acarinharam-no e rapidamente terminaram suas cartas.

Em seguida, os três deixaram juntos o apartamento, o que não faziam havia meses, e seguiram ao ar livre com o bonde elétrico pelo subúrbio da cidade. O carro, no qual se encontravam sentados sozinhos, estava totalmente iluminado pelo sol morno. Recostados em seus assentos de maneira confortável, conversaram sobre as perspectivas do futuro e descobriram que, se olhassem de perto, não eram de forma alguma ruins, pois os empregos que tinham, e sobre os quais realmente nunca haviam trocado informações, eram bastante favoráveis e especialmente promissores. A grande melhoria imediata da situação deveria advir, claro, da mudança de casa; queriam um apartamento menor e mais barato, mas mais bem localizado e, sobretudo, mais prático do que o atual, que fora escolhido ainda por Gregor. Enquanto conversavam desse jeito, o senhor e a senhora Samsa perceberam quase ao mesmo tempo, em vista de sua filha cada vez mais animada, como, nos últimos tempos, apesar de todo o esforço que empalidecera suas bochechas, ela havia florescido em uma moça bela e viçosa. Cada vez mais silenciosos e quase inconscientemente se entendendo por olhares, pensavam que agora seria a época de procurar para ela um bom marido. E para eles foi como uma confirmação de seus novos sonhos e boas intenções, quando, no fim de sua viagem, a filha se levantou primeiro e alongou seu corpo jovem.





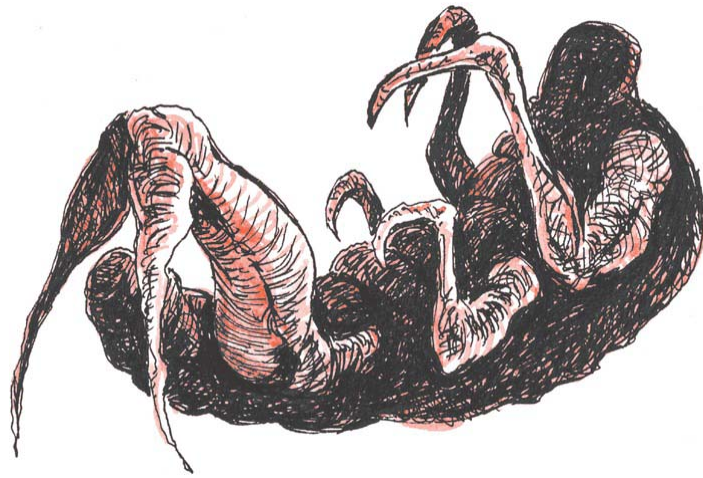






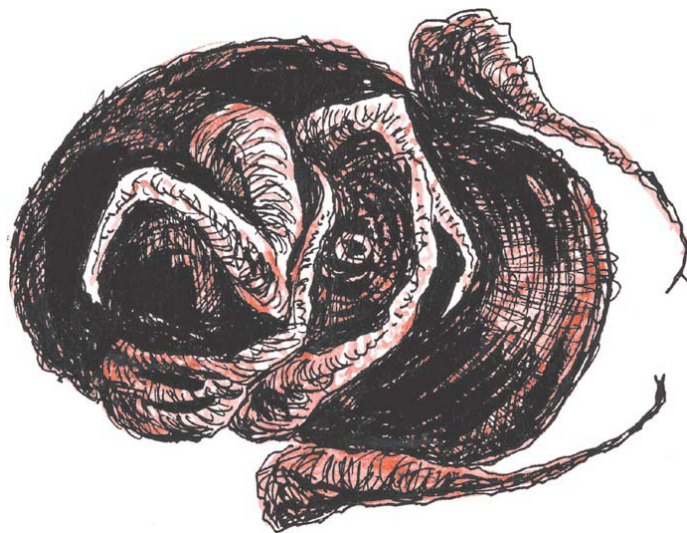


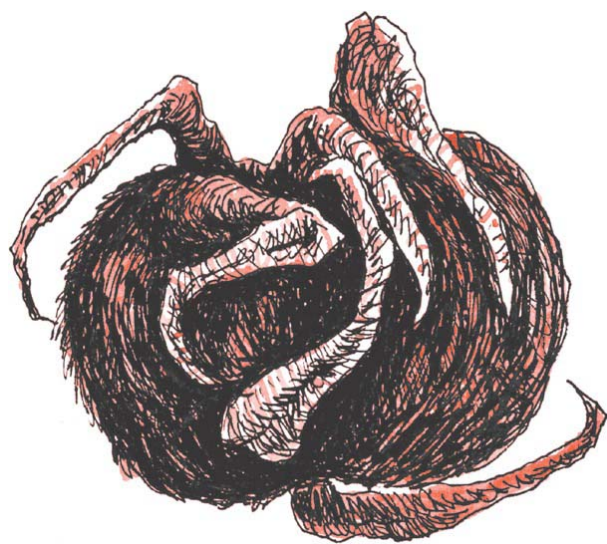












A METAMORFOSE

Tinha vinte e poucos anos quando meu amigo Jorge Abdala me emprestou *A metamorfose*. Eu já havia lido alguns clássicos. Amava Machado de Assis, Augusto dos Anjos, e a leitura de *Crime e castigo*, de Dostoiévski, me impressionou muito na juventude. Mas quando li Kafka pela primeira vez, mudou tudo. *A metamorfose* foi o maior impacto que a literatura já exercera em mim. Dostoiévski me trouxe o peso, a densidade e a complexidade psicológica da realidade. Kafka me trouxe algo ainda mais profundo. Algo que tocou o lado mais obscuro e metafísico em mim, e que fez vibrar os fios de meu mundo onírico. *A metamorfose* despertou uma força ancestral em meu ser. Algo maior do que eu. Desde então, esse passou a ser para mim o livro mais simbólico de todos. Havia uma identidade absoluta. Gregor Samsa representava meus sentimentos, principalmente na ocasião em que li a obra pela primeira vez, tão precisamente. Costumo dizer que na época eu tinha ciúme de que alguém lesse este livro. Ele era meu. Revelava-me, me expunha e desmascarava. Eu vivia e me sentia como Gregor. Há um belíssimo texto de Modesto Carone, intitulado “O parasita da família”, em que o renomado tradutor analisa uma questão muito singular desta obra: ao contrário de outros textos que abordam o tema da metamorfose, aqui ela se dá de forma mais perturbadora do que nos demais. Carone cita, por exemplo, os contos de fada e a *Odisseia*, ressaltando que, no caso de Gregor Samsa, essa transformação é irreversível.

Além do fato de Gregor ser visto pelos outros — e isso incluía sua própria família — como um parasita, uma criatura repulsiva, nojenta, desagradável e indesejável.

Eu sentia receber esse mesmo olhar dos que me rodeavam.

Eu era essa mesma decepção.

Foi uma grande alegria, tantos anos depois da primeira leitura, fazer parte desta edição, feita com tanto carinho por todos os envolvidos.

LOURENÇO MUTARELLI é escritor, artista plástico e dramaturgo.

ÀS VOLTAS COM FRANZ

Pois somos como troncos de árvore na neve. Aparentemente jazem suavemente e, com um pequeno empurrão, seria possível afastá-los. Não, não é possível, pois estão presos com firmeza ao solo. Mas veja, até mesmo isso é apenas aparente.

“As árvores”

Entre os grandes mestres da literatura moderna, Kafka sempre foi um nome de relevo. O tísico autor que escreveu a maior parte de sua obra conhecida em alemão; o judeu que, ao lidar com a religião, alternava ironia e tragicidade; o frustrado funcionário burocrático que apenas queria ganhar a vida escrevendo; o garoto que passou para a vida adulta enfrentando o fantasma gigante de um pai castrador. Essas são apenas algumas das imagens que refletiram os muitos Kafkas que existiram entre 1883 e 1924. Como todos nós, ele é múltiplo, complexo e vai além do estereótipo que lhe atribuem nos dias de hoje.

Kafka era, antes de tudo, um rebelde contido. Seu primeiro atrevimento foi se entregar com abnegação à escrita, mas sem deixar de lado o “dever” de ser útil imposto pela sociedade — tanto de sua época quanto da atual. Ter um emprego, sustentar uma família, casar e ter filhos, marcar na lista de afazeres da vida todas as caixinhas vazias. Mas a despeito do comedimento, no fundo ele era um rebelde, e nos deixou sem ter marcado várias delas. Como casar — com todas as formalidades, ao menos — e ter filhos, por

exemplo. Morreu de tuberculose em um sanatório sem deixar descendência, mas não sem deixar um legado, ainda que a contragosto: sua obra literária, uma das mais inventivas de seu tempo, fascina leitores até hoje.

Conhecido não apenas por seus livros, mas também por virar de cabeça para baixo diversas ideias sobre o fazer literário, Kafka desafiou várias tradições da escrita de sua época com a tranquilidade de quem narra fatos inusitados ou impossíveis, o que viraria a sua marca registrada — bem como suas personagens aparentemente normais e pacatas que, de repente, acometidas por um elemento estranho e incontrolável, precisam lutar para se manter vivas ou sãs.

Quem vê a famosa fotografia de Kafka, semelhante a uma três por quatro, imagina-o baixo, muito magro e um ser tristonho, considerando o que escreveu durante a vida: textos melancólicos, repletos de um pessimismo voraz, mas sem arroubos nem pirotecnias desnecessários. O simples fato desencadeador dos eventos já causa transtorno suficiente às personagens, não há motivo para mais. Porém, Kafka media mais de 1,80 metro, era um nadador contumaz — de seu diário vem a famosa frase: “Hoje pela manhã a Alemanha declarou guerra à Rússia. À tarde, escola de natação” —, um homem de inteligência aguçada e excelente interlocutor. Não à toa Dora Diamant, a única mulher com quem viveu, era apaixonada por ele e permaneceu ao seu lado até o fim, mesmo com o risco que a tuberculose de seu amado lhe oferecia.

A inquietação moderna de Kafka salta aos olhos, uma insatisfação com a sociedade do jeito que ela é, com seus costumes e amarras, a negação de uma vida comum e confortável em troca de um universo muito mais humano. E Kafka escolhe expor essa intranquilidade perante o mundo em forma de crítica profunda, carregando nas tintas daquilo que normalmente já se mostra cruel: as relações de individualidade entre nós, a pressão para nos tornarmos seres encaixados em uma máquina, engrenagens obedientes e sem controle sobre o próprio destino, peças do jogo do “manda quem pode, obedece quem tem juízo”. E, dentre as obras do autor, seu grande sucesso em matéria de inquietação e

perturbação é, sem dúvida, o título que você tem em mãos, caro leitor.

NO INÍCIO, UMA IMPOSSIBILIDADE

A impossibilidade de não escrever, a impossibilidade de escrever em alemão, a impossibilidade de escrever de outro modo. Também se poderia acrescentar uma quarta impossibilidade, a impossibilidade de escrever.

Trecho de carta ao amigo Max Brod¹

O início de todo livro é fundamental para o seu sucesso, e, provavelmente, em *A metamorfose*, Kafka escreveu a primeira linha mais impactante da literatura contemporânea: “Quando Gregor Samsa, certa manhã, acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado em um inseto monstruoso”. Entre a palavra inicial e o ponto que conclui a frase, o leitor é lançado em um turbilhão que não vai se acalmar até o derradeiro ponto-final, após as três partes que compõem a história. Essa única sentença leva o leitor a imaginar todas as implicações de se acordar diferente, depois de consideráveis “sonhos intranquilos”. E com algumas impossibilidades nas mãos: levar uma vida como a de antes, ter as mesmas oportunidades, o mesmo cotidiano. Toda mudança é perturbadora, sempre causa espécie, mas a metamorfose de Gregor Samsa aniquila qualquer expectativa de uma vida normal.

E para quem traduz o texto, uma impossibilidade também se apresenta: a tripla negativa que há no idioma alemão, praticamente irreproduzível no português. Na língua de Goethe, em geral se nega com uma partícula, *un-*, que, aliada a substantivos e adjetivos, dá o sentido negativo. As três palavras-chave da primeira frase são

“intranquilos” (*unruhig*), monstruoso (*ungeheuer*) e inseto (*Ungeziefer*). Há várias interpretações para essa tripla negativa, como as três partes do texto em que Gregor é renegado pela família, que trazem outros elementos ao imaginário popular. A possibilidade de se chegar a três “in”, nossa partícula de negação em português, exigiria um salto maior que a própria frase: utilizar uma palavra que tanto refletisse a enormidade do bicho em que Gregor se transforma como expressasse a feiura, a estranheza e a repulsa que o animal causa. Decidi, como outros tradutores da obra, manter uma única palavra, “monstruoso”, pois é a nossa maneira de englobar esses sentidos sem ter de destrinçar uma frase que deve ser enxuta para funcionar. Talvez fosse preciso um termo mais erudito para conseguir esse feito, porém as palavras que Kafka usa são simples e diretas. E o impacto seria diferente já na primeira frase.

Também as nuances do idioma alemão acabam, de certa forma, trazendo questões ao nosso trabalho, causando “sonhos intranquilos” a quem se aventura nessa intermediação. Um exemplo seriam os três gêneros do alemão: masculino, feminino e neutro. O professor Modesto Carone, em seu livro *Lição de Kafka*, aponta uma virada no texto que todo tradutor de *A metamorfose* precisa enfrentar. Em determinada altura, quando fica claro à família Samsa que não verá de novo Gregor como ele sempre foi, o protagonista deixa de ser chamado de “ele” (*er*) e passa a ser tratado de “isso” (*es*) pelo narrador, que representa a visão que o mundo tem do metamorfoseado Gregor; no entanto, o leitor sabe que, em seu íntimo, Gregor é a mesma pessoa, como se aprisionado naquele ser temido, semelhante ao príncipe transformado em Fera do conto de fadas francês, mas sem o poder e a ferocidade do nobre; o que lhe resta é aceitar as sobras da família, os restos de comida, de atenção, de afeto, de respeito. Gregor é reduzido à condição de bicho pelos demais, relegado aos cantos da casa, escondido das vistas das pessoas, retirado do convívio e, pela falta de voz e de significância, aos poucos também se animaliza. Mas a essência do ser humano ainda permanece nele, e por meio de suas emoções, ao final do texto, o personagem revela ao leitor que o homem ainda

está ali. Como a língua portuguesa não dispõe desse recurso morfológico, a diferença não é clara, mas apenas residual, o que nos leva a optar pelo gênero masculino ou a adotar o pronome “isso”, ou ainda a usar expedientes como “o bicho” e “o animal” para ressignificar o humano que havia em Gregor.

Mas, traduzir é isso, negociar de forma incessante com sentidos múltiplos em dois idiomas, em duas culturas, duas épocas, duas vivências, dois públicos distintos. Espero que essa ponte o ajude a tocar os sentimentos de Kafka e Gregor. Ah, e preste atenção ao acordar depois de ler este livro: talvez você tenha sonhos intranquilos, e certamente não será a mesma pessoa de antes.

PETÊ RISSATTI é tradutor, escritor, professor e pesquisador de literatura e tradução.

1. A tradução desse trecho é de Laura Teixeira Motta em *O mundo prodigioso que tenho na cabeça*, de Louis Begley, a partir da tradução do alemão ao inglês do livro de Franz Kafka *Letter to friends, family and editors* (New York: Schocken Books, 1977), realizada por Richard e Clara Winston. Os demais trechos de Kafka são traduções minhas diretamente do alemão.

AS METAMORFOSES DE FRANZ KAFKA

Antes de caminharmos pela floresta negra do escritor judeu de origem tcheca Franz Kafka (1883-1924), o adjetivo *kafkiano* já nos ronda como um espectro. A atmosfera kafkiana pressupõe o medo de olhar para trás — e se uma sentinela estiver em meu encalço? —, o pavor de devassar um corredor escuro, estreito e repleto de portas de aço que se confundem com celas, e a subversão da lenda bíblica que faz o pequeno Davi derrotar o gigante Golias. Em Kafka, o colosso Golias, metamorfoseado como pai, juiz e sentinela, está sempre a um passo de abater Davi como um cão. Vale, aliás, frisar que, em Kafka, a noção de protagonismo das personagens se vê radicalmente emparedada pela onisciência, onipotência e onipresença de instâncias de poder, que irrompem nos locais mais inesperados: logo de manhã, já dentro do quarto de Josef K., no almoxarifado de seu trabalho ou mesmo sob uma reles escada.

Os leitores de *A metamorfose* (1915) deparam, desde o início da novela, com a transformação fabular do jovem caixeiro-viajante Gregor Samsa em um inseto repugnante, que sofrerá ainda mais com o jugo que a família lhe impõe. A animalização de seres humanos e a antropomorfização de animais também seriam utilizadas por Kafka em “A pequena fábula” (1920), breve narrativa que pode ser tida como uma verdadeira síntese do universo kafkiano:

“Ah”, disse o rato, “o mundo torna-se cada dia mais estreito. A princípio era tão vasto que me dava medo, eu continuava correndo e me sentia feliz com o fato de que finalmente via à distância, à direita e à esquerda, as paredes, mas essas longas paredes convergem tão depressa uma para a outra que já estou no último quarto e lá no

canto fica a ratoeira para a qual eu corro”. — “Você só precisa mudar de direção”, disse o gato e devorou-o.¹

Josef K., Gregor Samsa, o agrimensor K., personagem do romance *O castelo* (1926), e o próprio Kafka, pessoa/personagem de *Carta ao pai* (1919), podem ser entrevistados como metamorfoses do rato trêmulo e combalido de “A pequena fábula”. A propósito de possíveis projeções do próprio Kafka em relação às personagens de sua obra, vale notar que, além do sobrenome K., Samsa e Kafka despontam como sobrenomes análogos, já que, à esquerda e à direita das consoantes “m” e “f” repetem-se as sequências parelhas “sa” e “ka”. Ademais, o beco que encurrala o rato entre a ratoeira e a goela do gato irrompe como a tensão kafkiana por excelência: a impotência do sujeito em resistir e, no limite, em sobreviver às investidas externas, que muito superam o poder de uma possível vontade.

Ora, se tivermos em mente a cisão cada vez mais pronunciada entre o capitalismo e a democracia liberal mundo afora, entreveremos a trágica atualidade de Franz Kafka, cuja obra foi sendo composta, nas duas primeiras décadas do século XX, em meio à Primeira Guerra Mundial e à eclosão de governos e ideias totalitárias em diferentes países. Nesse sentido, Kafka bem pode ser lido como um prenúncio agourento dos campos de concentração, que, à direita e à esquerda, logo se espraíariam como uma metástase, da Europa do Leste à Sibéria.

Ao lermos relatos de escritores que lograram sobreviver a campos de concentração nazistas, como *É isto um homem?*, de Primo Levi, e *Noite*, do judeu de origem romena Elie Wiesel, e a campos de trabalhos forçados soviéticos, como *Contos de Kolimá* e *Arquipélago Gulag*, escritos, respectivamente, pelos russos Varlam Chalámov e Alexander Soljenítsin, percebemos que o exílio interno, isto é, a fuga do sujeito para dentro do próprio imaginário, despontava como exígua possibilidade de escapatória diante das instâncias de poder às quais os corpos — ou, pior, as carcaças —

dos prisioneiros pertenciam. Assim, entre a ratoeira e a goela do gato, só restava ao rato acossado a pequena fábula do imaginário.

Mas, quando falamos sobre a atualidade de Kafka, precisamos ponderar se a possibilidade do exílio interior ainda se apresenta como alternativa factível diante da ubiquidade das novíssimas instâncias de poder, as quais, dotadas de capacidade tecnológica inexistente à época de Kafka, já dispõem de meios não só para colonizar/doutrinar o imaginário, como faziam as indústrias de propaganda, mas também para (re)criar, para o sujeito, a própria realidade, a partir do entendimento e captura da maneira pela qual a consciência irrompe e opera.

Assim, se quisermos acompanhar as metamorfoses que aproximam Kafka de nossa época, precisamos ter em mente, como se fôssemos Gregor Samsa, Josef K., o agrimensor K. e o rato, outras possibilidades de leitura — e angústia.

* * *

Como artista, Kafka nos legou uma escritura que tende a mimetizar a cadência burocrática dos relatórios das mais uniformemente variadas repartições. Ainda assim, é preciso lembrar um relato de Max Brod, o melhor amigo do escritor, segundo o qual Kafka ria aos borbotões quando lia suas histórias para os amigos. Ora, como é possível rir em meio à claustrofobia de suas obras? Eis, então, uma possibilidade para interpretarmos as alegorias de Kafka sob um prisma dissonante, como os surrealistas o fizeram.

Em uma cena clássica do filme *Um cão andaluz* (1928), escrito e dirigido por Luis Buñuel e Salvador Dalí, contemporâneos de Kafka, uma nuvem transpassa a lua cheia enquanto uma navalha afiadíssima rasga o olho esquerdo de uma donzela, e, do globo ocular, é expelida uma gosma prateada como se a lua tivesse se tornado pastosa. Assim, munidos de seu ímpeto de associações radicalmente inusitadas, os surrealistas leem Kafka, para além da chave do poder, como um autor cujas alegorias expandem as irradiações expressivas da realidade.

Se Kafka ria ao ler suas histórias para os amigos, é possível imaginar que, para além do sadomasoquismo, o riso do artista

entrevê comicidade, também presente na história, em uma realidade que expelle sentinelas do almoxarifado de uma empresa ou de uma portinhola que se esgueira sob uma reles escada. Uma leitura social e política de Kafka interpretaria tal riso como uma tentativa de expurgar a radical impotência do indivíduo diante das estruturas de coerção, mas Buñuel e Dalí, munidos da navalha lunar, possibilitam entrever na metamorfose de Gregor Samsa um escaninho da surrealidade, que, de forma sub-reptícia, liga as traquinagens da lua ao globo ocular de uma donzela.

* * *

Por fim, parece-me importante salientar uma angústia demasiado humana que irrompe da obra de Kafka: o medo da liberdade. É bem verdade que, conforme já discutimos, o medo assume uma dimensão colossal que se vê umbilicalmente aguilhada à dinâmica das estruturas de poder. Ainda assim, poderíamos entreouvir um certo discurso da servidão voluntária no ratinho de “A pequena fábula”, que, diante da imensidão primordial do mundo, se sente aliviado com o estreitamento das paredes à direita e à esquerda. Em *A metamorfose*, a transformação de Gregor Samsa em inseto é tomada como um dado prosaico da realidade — mais um mote para levarmos a sério a leitura surrealista —, assim como, em *O processo*, Josef K. mal interpela seus carrascos a respeito do fardo que lhe cai sobre os ombros. Tal aspecto fatalista, pode nos revelar outra dimensão da angústia kafkiana: o medo daqueles que, diante da complexidade e da miríade de (des)caminhos e escolhas, tendem a buscar, contra os próprios interesses e contra a própria liberdade, a guarida da ratoeira, da carapaça do inseto e do processo.

É como se, em Kafka, as personagens sempre buscassem alguém diante de quem se ajoelhar; é como se, ao lado das leituras políticas e surreais, Kafka nos sussurrasse que o medo da liberdade é parte fundamental do que somos. Eis, talvez, o mote de um dos mais contraditórios aforismos de Franz Kafka: “Há esperança, mas não para nós”.

FLÁVIO RICARDO VASSOLER é escritor e professor; doutor em Literatura Comparada com pós-doutorado em Literatura Russa.

1. Franz Kafka, “A pequena fábula”. In: *Narrativas do espólio*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 37.

VIDAS DE BORDA. BORDAS DA VIDA.

*Pas de restitution véritable non plus, en l'absence de ce qu'il
faut bien appeler la capacité de vérité.*

ACHILLE MBEMBE

Como Kafka escapou desse corpo que nos disseram ser o nosso?

O corpo ereto — o corpo da língua — o corpo orgânico — organizado — racional — hierárquico — cheio de poder — de si mesmo — prenhe de julgamento — pronto para a guerra — heroico — guardando no fundo de si as dores inconfessas — os fracassos — os medos, ou expelindo-os para fora — para um outro mundo — corpos e línguas distantes — e ali deixando tudo o que nos assombra?

Toda a sua obra não fez senão que isso: escapar desse corpo.

Ao final de tudo ele pedia, ao seu amigo Max Brod, que até a sua obra escapasse desse corpo. Deixando, ela também, de ser um corpo — o corpo da obra.

Muitos leram o episódio como desejo de auto destruir-se, como uma espécie de insegurança primordial que afeta os grandes escritores, capazes de enfrentar as suas próprias dúvidas, de tornarem-se autores em se des-autorizando. Claro, há também tudo isso. Mas aqui, desde hoje, podemos entender que essa aspiração estivesse banhada pelas mesmas afecções que o fazia buscar sem cessar e, decerto, dolorosa mas também vitalmente, escapar desse corpo que nos dizem, e ainda agora, ser o nosso corpo.

Unificar-se em um corpo obra é também uma forma de morte. Petrificar-se numa forma corpo, estabilizar-se numa só língua, numa só família linguística, sanguínea, ou mesmo afetiva e amorosa, num emprego, numa casa, num país, de fato não parece ser tão simples, tampouco tão profícuo como muitas vezes querem nos fazer crer. Kafka não deixou de ver esse corpo, antes mesmo que o horizonte sombrio da história pudesse enxergar como tudo isso iria se desmantelar sobre nós. Essa espécie de visão lancinante dos riscos de ter que ser um só corpo. Os regimes nazifascistas. Os crimes de guerra. Os crimes de escravidão. Os campos. Os navios negreiros. O corpos queimados e amontoados dos judeus, negros, homossexuais, ciganos, pobres, corpos que como o de Kafka testemunharam sem cessar uma história que ainda, mesmo que de outro modo, não deixa de nos assombrar. Contra essa fogueira inquisitória dos julgamentos infundáveis, contra os fornos crematórios dos corpos que não importavam, que não se conformavam à forma erigida, aos corpos que não eram nem são só forma, contra a máscara branca, Kafka reivindicava uma outra e diferente chama. Uma chama viva - um chamado. Queimar seus livros, sob esse aspecto, realiza-se a cada vez que o lemos, como agora nesta edição.

Mas ele também não deixou de ver, virtual e simbolicamente, quantos foram os corpos que não ingressaram nesse “um só corpo”. Dependurando-se nas bordas, famintos enjaulados ou artistas já sem arte (O Artista da Fome), cantores desafinados, povos imperceptíveis (Josefina a cantora ou o povo dos camundongos), criminosos sem sentença até que tudo sobre o corpo se inscrevesse - aliando a verdade do veredicto à própria morte do corpo (Na colônia penal), presos em labirintos sem fim e sem começo (O Processo, O Castelo), credores de uma dívida ela mesma impagável, herdada, apequenando-se, rastejando, sob o impacto desses corpos cada vez mais fortes (Carta ao Pai), onde as fronteiras acirram-se e as diferenças aniquilam uns aos outros. Vidas de borda. Bordas da vida.

Mas eis que uma fórmula agita-se numa manhã. Depois de sonhos intranquilos. De noites infindáveis. Ela faz nascer Gregor Samsa. Sob o risco. O medo. A dor. E as perdas que envolviam esse um só corpo insurge a potencia d' *A Metamorfose*.

Uma das poucas novelas publicadas em vida, em 1916 irrompe, *deitado sobre as costas duras como couraça*, Gregor, metamorfoseado num inseto monstruoso. Mas como convencermos dessa potencia metamórfica se Gregor, esmagado por um corpo denso e largo sobre patas finas e incontrolláveis, mostra-nos tão somente o abandono, a solidão e a fragilidade na qual encerra-se e na qual é deixado, dado a estranheza, a feiura e o medo que provocava em toda a 'espécie humana'? Qual espelho faltou entre essa espécie humana e a tal potencia metamórfica do corpo de Gregor? Espelho que se nos permitisse ver-nos mutuamente. Ao mesmo tempo. Um ao outro. Seria mesmo um espelho? Ou talvez um quadro? Uma possibilidade diferente de representar mesmo quando sem imagem — imago — forma corpo? Seria aquele quadro que tanto desejara que continuasse no seu quarto depauperado por sua família após a sua transformação? Seria essa representação não representativa de si, do outro e do mundo, para qual a sua literatura nos leva e nos chama? Seria esse quadro sem enquadre o que poderia 'salvar-nos' dessa incompreensão terrível da própria espécie humana para com um corpo que dela se desgarrar ainda assim pertencendo ao que de mais profundo nos toca? A fragilidade do corpo. A vulnerabilidade dele. A sua possibilidade de ser o que não somos nós mesmos — mais humanos do que espécie. Seria essa a potencia terrível que Gregor se nos descortina e com a qual nos violenta?

Mas talvez ainda não, talvez uma fábula seja só uma fábula. E, no caso, essa fábula, a do animal humano, ou do que no humano nada mais é senão que a sua força de abater os corpos 'frágeis', não queira dizer nada além de tudo o que de fato somos: animais que um dia se acreditaram superiores, fixados em suas formas, cristalizados num corpo capaz de dominar como se cuidar fosse.

Mas talvez ainda não. Precisamos como Gregor nos movimentar lentamente. Escondermo-nos um pouco mais por detrás dos móveis.

Buscar não respirar por um longo período, debaixo do sofá, chegando ao estado de sufocação. Tentar virar a cabeça sem, no entanto, encontrarmos o seu destino. Suportar a fome. Suportar a fome. E por fim buscar falar quando já afásico estamos. Nesse ponto está essa espécie outra — a maravilhosa fórmula metamórfica de Gregor. Não a sua forma inseto, monstruosamente destruída pela espécie humana. Mas a sua lenta e laboriosa capacidade de sobreviver, mesmo quando vários corpos tomam o seu corpo. Encurralando-o, abandonando-o ou imobilizando-o.

* * *

Ler ou reler um clássico implica não somente em conhecer o contexto desse autor e de sua obra (na maior parte póstuma). Mas também deixarmo-nos tocarmo-nos pela força daquilo que depois de cem anos ainda hoje nos interroga. Desalojando-nos de nossos assentos.

Isso que nos toca está presente em toda a nervosidade que percorre a sua narrativa. Nervosidade essa que em nada depende do suspense. Já que desde a primeira linha de seu texto sabemos que numa manhã um jovem comum, caixeiro viajante, trabalhador que sustenta a falência de sua família, encontra-se metamorfoseado num inseto monstruoso.

De onde vem então essa nervosidade que ainda nos toca, pungente, presente ao longo de todo o texto?

Estaria ela na angústia desse homem cujo corpo vai pouco a pouco alterando os seus movimentos, a sua possibilidade de estar no mundo que lhe pertencia, de mexer a cabeça, ou de poder ou não ainda falar? Curiosamente sua comunicação com a espécie humana não se interrompe, porque de algum modo ele, em nenhum momento, deixou de ser Gregor, mesmo sendo também, e ao mesmo tempo, aquele ‘inseto horroroso’. O que se interrompe de fato é a comunicação da espécie humana com a sua espécie— metamórfica, que a partir de uma manhã passa a abrigar Gregor e o inseto desconhecido no qual ele subitamente se transformou num mesmo e diferente corpo.

Essa nervosidade oscila entre a apropriação por Gregor de seu novo corpo e a recusa da espécie humana desse mesmo corpo. Recusa esta que continua ainda hoje presente em cada um de nós, e em nossas sociedades. Prontas a erigir formas aceitáveis e a recusar cotidianamente outras formas de corpos. Passados cem anos continuamos sem saber como suportar tanto as nossas vulnerabilidades (condição intrínseca aos fenômenos de metamorfose dos corpos), quanto suportar o que difere em nós e no outro. Frutos hoje já decaídos de uma Gestalt definidora e falsamente englobante.

Mas essa nervosidade que sentimos lendo *A Metamorfose* fala também de algo que nos é comum — no seio das nossas enormes diferenças e incluso da diferença entre a espécie humana e os insetos horrorosos. E por isso, nesse momento, em que somos ‘todos’ atingidos, ela se torna essa ferramenta: uma patinha nervosa do inseto, uma antena capaz de sentir os cheiros comuns da gente, uma fórmula irmã que horizontaliza o que todo o tempo tentamos hierarquizar no um sobre o outro, como se o corpo só pudesse existir sodomizado ou sodomizando.

Essa é a fórmula ainda tão atual deste livro. Em tempos onde carecemos de todos os lados de um comum que tão só e simplesmente respire o mesmo ar.

* * *

Os estados de sufocação que experimentou Gregor no seu outro corpo, escondendo-se para não assustar a espécie humana, mesmo que frágil e inofensivo se sentisse ‘ele mesmo’, são hoje estados cada vez mais cotidianos em nossas vidas. Como se já não respirássemos todos o mesmo ar.

E do que sufocamos?

Sufocamos quando tudo o que parece nos incluir, nos ‘globalizar’, nos unir acaba por nos apartar, separar, expulsar, impedir. Sufocamos quando não cantamos mais juntos. Quando não dançamos mais juntos. Quando não falamos mais juntos. Quando odiamos uns aos outros e não odiamos juntos o que nos aflige.

Quando continuamos sem poder dizer verdadeiramente o que nos sufoca, sufocamos.

Mas uma fábula, tão irreal quanto inverossímil, apenas uma fábula, pode ela de algum modo nos restituir essa capacidade de verdade?

Num tempo onde inventar falsidades torna-se o modo de produzir verdades, qual seria essa outra saída que, de fato, nos restituísse uma capacidade para dizer de verdade?

Há algo estranhamente verdadeiro nas marcas que transformam os corpos. Há algo de extremamente delicado e brutal em tudo aquilo que do corpo escapa, goteja, dobra-se, curva-se, se retrai, expande-se. Há algo de extremamente verdadeiro em toda metamorfose dos corpos. Há algo de inverossímil, indizível e incontável se juntos olhamos para as memórias traçadas nos corpos do mundo. Incontável porque escapa. Porque pura história sem palavra. Metamorfose incomunicável entre o corpo de Gregor e a espécie ereta da humanidade. Corpos metamórficos passam entre os corpos mortos e vivos. Homens e animais. Gérmen e ovo. Putrefação e embrião. A atividade da memória dos corpos nunca foi igual à verdade que se contou e conta. A espécie humana se ocupou de enterrar essa verdade. Por isso restituir a capacidade da verdade passa também por produzir corpos sensíveis aos seus traços. Ao suportar desses traços — pernas, cabeça e antenas incontroláveis. Mas ainda assim vividos. Combater com a memória dos corpos [parcial, ofuscada, já falseada e tingida de vida] toda política do apagamento talvez seja um caminho que volta à metamorfose e ouve o que Gregor não pôde dizer à sua família. Trazendo para nós algo dessa responsabilidade, implícita em toda restituição para com os corpos. E em toda capacidade conjunta de verdade. Capacidade de verdade que combate a política do extermínio e o seu posterior apagamento:

Gregor, inseto, esquecido ou esmagado.

Com ele está um tanto das patas de todos nós.

ANA KIFFER é escritora e professora da Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kakfa, Franz, 1883 — 1924

A metamorfose / Franz Kafka; tradução de
Petê Rissatti, ilustrações de Lourenço Mutarelli.
Rio de Janeiro: Editora Antofágica, 2019.

Título original: Die Verwandlung.

ISBN 978-65-80210-00-8

1. Ficção alemã

I. Mutarelli, Lourenço.

II. Título

19.24845

CDD 833

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura alemã 833
Cibele Maria Dias — Bibliotecária — CRB 8/9427

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

Antofágica
prefeitura@antofagica.com.br
facebook.com/antofagica
instagram.com/antofagica
Rio de Janeiro — RJ

**ESPERAMOS QUE TENHA GOSTADO DE SUA ESTADIA EM
ANTOFÁGICA.**

*Essa edição da odisseia do pobre Gregor foi composta cuidadosamente em
Caslon Pro e Domain.*

